tempo DE AMAR

CONTOS
MINICONTOS
E POEMAS
VOL. IX

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-00-93565-3
2024
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

PEQUENO PASSARINHO, POR AMANE, PÁG. 05
APENAS MAIS UM AMIGO, POR AMANE, PÁG. 07
AS MÚSICAS DE RITA LEE E VOCÊ, POR AMANE, PÁG. 10
À NOITE, ASCENDO VELAS AO MEU ANJO DA GUARDA, POR AMANE, PÁG. 12
CONTO MÁGICO, POR ANA CECÍLIA MOREIRA ELIAS, PÁG. 14
AMOR SAZONAL, POR ANJO MARCHI, PÁG. 16
QUERER E NÃO TER, POR ANJO MARCHI, PÁG. 18
DA INSUFICIÊNCIA DO AMOR, POR ANJO MARCHI, PÁG. 20
FEITIÇO PARA O AMOR, POR ANJO MARCHI, PÁG. 22
MORTE PREMATURA, POR ANJO MARCHI, PÁG. 24
INDIGESTÃO DE AMOR, POR ANJO MARCHI, PÁG. 26
FIM DO CONFORTO, POR ANJO MARCHI, PÁG. 28
NÃO HÁ TEMPO PARA AMAR..., POR BARBARA GANZELEVITCH, PÁG. 30
UM DUETO DE AMOR, POR CRISTIANE DEL BUSSO, PÁG. 32
ODE A TI, POR DÉCIO ARAÚJO FILHO, PÁG. 34
NO AMAR SE É FELIZ, POR DÉCIO ARAÚJO FILHO, PÁG. 38
FLOR DA CAATINGA, POR DÉCIO ARAÚJO FILHO, PÁG. 41
ACIDENTE GEOGRÁFICO, POR DÉCIO ARAÚJO FILHO, PÁG. 44
QUEM NÃO VIVERIA DENTRO DESSE AMOR?, POR DIEGO ITURRIET DIAS CANHADA, PÁG. 47
UM DEVANEIO COM EXPECTATIVAS ROMÂNTICAS, POR DIEGO ITURRIET DIAS CANHADA, PÁG. 52
SER GREGÁRIO, POR EFEPÊ EFE OLIVEIRA, PÁG. 54
SER DE LUZ, POR EFEPÊ EFE OLIVEIRA, PÁG. 56
O AMOR E SEUS DESCABELOS, POR EFEPÊ EFE OLIVEIRA, PÁG. 58
FORÇA E SUAVIDADE, POR EFEPÊ EFE OLIVEIRA, PÁG. 60
INFINITO AMOR, POR FÁTIMA CANTARINO, PÁG. 62
AMAR SEMPRE, POR FÁTIMA CANTARINO, PÁG. 64
SONETO DO AMOR POSSÍVEL, POR FLAVIO JOPPERT, PÁG. 66
COISAS QUE AINDA NÃO TE DISSE, POR FRANCISCO ALPHA, PÁG. 68
MESMO DEPOIS DO FIM, POR FRANCISCO ALPHA, PÁG. 70
O HOMEM: CANTOS (DE TANTOS), POR HELTON SILVA, PÁG. 72
CONVÍVIO CONIVENTE CONVENCIDO, POR JOÃO VITOR FARIA, PÁG. 77
COM OU SEM AMOR, POR JOÃO VITOR FARIA, PÁG. 79
COMPRO OURO, POR LUIZ GUSTAVO FONSECA, PÁG. 81
AMOR É ARTE, POR MARIA DO SOCORRO SILVESTRE MAIA, PÁG. 84
A CURA, POR NATHALIA CALÇADA, PÁG. 86
SEQUER UM MINUTO, POR RAI ALENCAR, PÁG. 88
30 ANOS DEPOIS..., POR ROBERT LEMS, PÁG. 90
O NEVOEIRO E A ROSA, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 95
IMPORTA E NÃO IMPORTA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 101
AUSÊNCIA DE RESPOSTAS, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 103
O BEIJO DA AURORA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 105
QUISERA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 107
FLORES DA MEMÓRIA, POR VICTORIA ROSEIRA NEVES, PÁG. 109
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 115

tempo DE AMAR

CONTOS
MINICONTOS
E POEMAS
VOL. IX

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Pequeno passarinho

Por Amane

Potiguar e pessoa não-binária que escreve poemas desde os 13 anos de idade. Na lírica, encontrou um refúgio para refletir sobre os conflitos afetivos e sobre a própria vida, transformando sua produção de poemas em um diário, que carrega influências da autoria de expressão feminina e marcas de gênero. Graduou-se em Letras Espanhol pela UFRN e possui pós-graduação em Alfabetização e Letramento.

De manhãzinha, eu quero ser um rouxinol,
Cantando para você, ao nascer do sol.

De manhãzinha, conjuro que meu sorriso seja um girassol na janela
Para te trazer uma paisagem matinal de natureza singela e bela!

Então, deixe-me ser o seu pequeno passarinho,
Que canta, ao teu ouvido, canções de carinho,
Para assim, deixar mais leve a sua manhã
E elevar o seu astral e o seu afã.

Permita-me cantarolar poesias para te dar jubilo
E pintar o teu sorriso com alergia e brilho nítido!
Coloque-me em suas mãos e ouça
A doce melodia que sai da minha boca.
Ponha-me em seu colo e sinta a sensível ternura,
Que canta a minha aguda e soprosa tessitura.

Guarde-me, como seu pequeno passarinho
Que cantarola para você doces arranjos,
Em sussurros meigos e mansos,
Os quais, delicadamente, murmuram baixinho
Uma música apaixonada de afeição e carinho.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Apenas mais um amigo

Por Amane

Potiguar e pessoa não-binária que escreve poemas desde os 13 anos de idade. Na lírica, encontrou um refúgio para refletir sobre os conflitos afetivos e sobre a própria vida, transformando sua produção de poemas em um diário, que carrega influências da autoria de expressão feminina e marcas de gênero. Graduou-se em Letras Espanhol pela UFRN e possui pós-graduação em Alfabetização e Letramento.

Eu estava com a mente distraída na cantina, tomando meu café da tarde,
Numa mesa de concreto, debaixo de uma árvore.
De repente! Você chegou na minha frente e me trouxe um lapso de instabilidade,
Eu tentei disfarçar com um sorriso bobo,
Mas não pude conter o formigamento no meu corpo,
Comecei a suar frio
E a sentir um arrepio,
Fiquei com tanta vergonha e medo
De você perceber que meu rosto estava vermelho!

E por mais que este pensamento me gere um conflito,
A grande verdade é que eu já deveria ter te esquecido,
Pois a minha maturidade sempre me disse isso!
Mas hoje, percebo que a sua presença ainda mexe comigo,
E naquele dia, eu te achei ainda mais admirável e lindo,
Mesmo sabendo que meu sentimento não poderia ser correspondido!

Agora, a cruel questão que fica, é o coração entender esse fato,
Sem provar de um gosto tão amargo!
Naquela hora, aos poucos,
Depois de tentar me estabilizar, conversamos sobre tantos assuntos,
Que eu sequer notei o passar dos minutos
Porque o tom castanho claro das suas pupilas
Me distraía com prosas tão cativantes e lindas!
Já o desenho da sua barba me prendeu numa hipnose,
Que fez a minha frequência cardíaca bater tão forte!

Eu estava ali, vulnerável à sua imagem,
Admirando a sua nova tatuagem
E a sua voz relaxante e grave
Emitindo a sua inteligente personalidade.

Foi tão bom estar com você, ao mesmo tempo que atordoante,
Porque lá no meu interior, eu queria te abraçar naquele instante,
Porém, realmente, da minha parte é uma pena,
Visto que meus sentimentos por você, só são válidos neste poema.

Meu querido, eu juro que queria te ver apenas como mais um amigo,
Mas eu não entendo, o porquê de eu nunca ter conseguido,
Quando você foi embora, refleti tanto
Sobre esse nosso inesperado encontro,
E percebi que talvez você ainda seja um grande homem para mim
O qual, tentei esquecer totalmente, mas ainda não consegui.

APRESENTAMOS O POEMA

As músicas de Rita Lee e você

Por Amane

Potiguar e pessoa não-binária que escreve poemas desde os 13 anos de idade. Na lírica, encontrou um refúgio para refletir sobre os conflitos afetivos e sobre a própria vida, transformando sua produção de poemas em um diário, que carrega influências da autoria de expressão feminina e marcas de gênero. Graduou-se em Letras Espanhol pela UFRN e possui pós-graduação em Alfabetização e Letramento.

Esta noite, vou esbanjar graça e saúde,
Como vibra a contagiante melodia de Rita Lee,
Pois você chegou, freneticamente aqui, em mim,
Atirando amor com um lança perfume,
Que tem cheiro de paixão e atitude.

Por isso,
Eu vou me oferecer em cada suspiro
Com desejo e manifestação de prazer,
Vulnerável ao teu charme de doce vampiro,
Que eu tanto admiro,
Em minha mania de você.

Ah, baby, baby, quando tu me beija
Esqueço que sou ovelha negra,
E por nós, em prece, faço reza
No poder da oração que nos conecta!

Assim, fico a refletir,
No meu "Tititi",
O quão gostoso é pensar em ti,
Ouvindo canções de Rita Lee
E com notas de Roberto de Carvalho,
Que deixam meu coração agitado
Neste movimentado balacobaco.

Ah! Eu me estremeço e sinto um "auê"
Por causa das músicas de Rita Lee e você.
Ah!Eu vibro, vibro,
Meu doce vampiro,
Quando vivemos o afeto
No nosso amor e sexo.

APRESENTAMOS O POEMA

À noite, ascendo velas ao meu anjo da guarda

Por Amane

Potiguar e pessoa não-binária que escreve poemas desde os 13 anos de idade. Na lírica, encontrou um refúgio para refletir sobre os conflitos afetivos e sobre a própria vida, transformando sua produção de poemas em um diário, que carrega influências da autoria de expressão feminina e marcas de gênero. Graduou-se em Letras Espanhol pela UFRN e possui pós-graduação em Alfabetização e Letramento.

À noite, peço ao meu anjo da guarda,
Para você perceber minha alma delicada,
Também rezo para que no dia seguinte,
Você se envolva com minha branda meiguice!

Aos céus
Peço que você sonhe comigo, assim como, ao anoitecer, eu sonho contigo,
No meu lindo sonho de afeto e brilho, que eu vejo resplandecer o teu sorriso.

À noite, me comovo com a saudade que tenho das nossas horas diurnas
E acabo me entregando às sensibilidades e às doces fantasias profundas,
Que teu rosto me gera,
Numa lembrança terna.

À noite, arrumo meus cachos, ponho meu pijama e me deito,
Querendo que você me abrigue com seu abraço, em meu próprio leito,
Ou então, que me leve para sua cama, me conduzindo
Ao seu ninho de carinho, que para mim, é um confortável abrigo.

Entretanto, meu querido, na escuridão noturna, eu lamento e sofro,
pensando em um sentimento precioso, mas tão duvidoso,
Por isso, ascendo velas ao meu anjo da guarda,
Para que ele mostre a você minhas virtudes e minha afeição resguardada.

E peço tanto ao divino universo
Para nosso caminho ser aberto,
Peço proteção para que nada te aconteça
E para que um dia, seu corpo me aqueça,
Nas noites de chuva e frieza.

Assim, clamo, para que a aflição de mim se vá!
E que você me tenha de vez, ou que eu te esqueça,
Mas que eu encontre minha paz, ao nascer do luar!

A P R E S E N T A M O S O

Conto Mágico

Por Ana Cecília Moreira Elias

Ana Cecília Moreira Elias é natural de Três Ranchos-GO. Possui graduação, especialização e mestrado em História pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Tem 35 anos. Experiência de trabalho como professora de História (Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí e Colégio Estadual Maria Elias de Melo - Três Ranchos GO) e como Educadora Social (Centro de Atenção Psicossocial CAPS I "Gilvânia Bernardes Silvério").

Naquela manhã do mês de dezembro não chovia.

A luz do dia parecia ter o brilho mais intenso. Os pássaros alegres, voejavam.

Amanda iria casar naquele dia. Não teria festa; seria um ritual muito simples. Além dela e de seu noivo, estariam presentes a sua irmã Gabriela e também Eduardo, o melhor amigo de Erick.

Às 15h, sem atrasos, lá estavam no cartório. Erick era o único sentado em frente ao Tabelião. Conferiam pela última vez os documentos necessários.

Amanda distraiu-se. De repente ela viu um pássaro caído no chão. Parecia estar em seus últimos suspiros. Ela pediu para que Gabriela e Eduardo fossem-no socorrer, mas eles estavam tão distantes dali que não escutaram o seu pedido, sequer notaram a presença do pássaro.

A noiva dirigiu-se até aquele pequeno ser de luz. Segurou-o com delicadeza. Sentiu em seu coração que era uma fêmea. No corredor que dava acesso para a saída tinha uma pequena pia branca. Amanda abriu a torneira, deixou que alguns pingos suaves de água caíssem na pequenina cabeça... em um instante mágico, o pássaro acordou e rapidamente sumiu de suas mãos. Ela não o viu voar, simplesmente desapareceu. Entre os dedos de Amanda, ficaram alguns cílios humanos, não eram penas, eram cílios!

Parado à porta, estava um misterioso rapaz, com o olhar sereno e um belo sorriso. Ele observava toda a cena, calmamente disse:

— Este pássaro tem um nome, Cibele. Você Amanda, salvou Cibele.

Um frio percorreu todo o corpo da noiva, que ficou paralisada. Em sua mente, apenas um pensamento, “Cibele era o nome da antiga noiva de Erick”.

Como fumaça evanescente, o rapaz também se dissipou diante dos olhos de Amanda. De súbito, vários pássaros passaram voando baixo em frente à porta aberta, eles cantavam e seguiram para algum lugar desconhecido. Amanda olhou para trás pela última vez, naquele instante ela decidiu voar!

APRESENTAMOS O POEMA

Amor sazonal

Por Anjo Marchi

Nascida em Astolfo Dutra-MG, no dia 26.09.1978. Mudou-se para Juiz de Fora, em 1994, vindo a formar-se em Direito, no ano de 2001.
Em 1988, participação e classificação no V Concurso de Redação da Secretaria Estado, Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente – MG – com o título: "Meio Ambiente, pela Continuação da Vida".
Desde então participa de concursos literários nas modalidades de poesia e crônica, vindo a classificar-se em muitos deles.

tenho um coração
de quatro estações
esquenta
desfolha
esfria
floresce
eu
tenho amor
pra todo
dia

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Querer e não ter

Por Anjo Marchi

Nascida em Astolfo Dutra-MG, no dia 26.09.1978. Mudou-se para Juiz de Fora, em 1994, vindo a formar-se em Direito, no ano de 2001.
Em 1988, participação e classificação no V Concurso de Redação da Secretaria Estado, Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente – MG – com o título: "Meio Ambiente, pela Continuação da Vida".
Desde então participa de concursos literários nas modalidades de poesia e crônica, vindo a classificar-se em muitos deles.

tantos te tiveram
tantos te quiseram
eu que nunca te tive
ainda te quero

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Da insuficiência do amor

Por Anjo Marchi

Nascida em Astolfo Dutra-MG, no dia 26.09.1978. Mudou-se para Juiz de Fora, em 1994, vindo a formar-se em Direito, no ano de 2001.
Em 1988, participação e classificação no V Concurso de Redação da Secretaria Estado, Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente – MG – com o título: "Meio Ambiente, pela Continuação da Vida".
Desde então participa de concursos literários nas modalidades de poesia e crônica, vindo a classificar-se em muitos deles.

sem olhar para trás
ele partiu
deixando nela
não a dúvida se ainda a amava
mas certeza de que não a queria mais

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Feitiço para o amor

Por Anjo Marchi

Nascida em Astolfo Dutra-MG, no dia 26.09.1978. Mudou-se para Juiz de Fora, em 1994, vindo a formar-se em Direito, no ano de 2001.
Em 1988, participação e classificação no V Concurso de Redação da Secretaria Estado, Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente – MG – com o título: "Meio Ambiente, pela Continuação da Vida".
Desde então participa de concursos literários nas modalidades de poesia e crônica, vindo a classificar-se em muitos deles.

e ela
depois de ouvir
do filósofo
que o
amor
é
líquido
foi em busca
de quem pudesse
lhe preparar
o melhor
amavio

APRESENTAMOS O POEMA

Morte prematura

Por Anjo Marchi

Nascida em Astolfo Dutra-MG, no dia 26.09.1978. Mudou-se para Juiz de Fora, em 1994, vindo a formar-se em Direito, no ano de 2001.
Em 1988, participação e classificação no V Concurso de Redação da Secretaria Estado, Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente – MG – com o título: "Meio Ambiente, pela Continuação da Vida".
Desde então participa de concursos literários nas modalidades de poesia e crônica, vindo a classificar-se em muitos deles.

elas
chegaram
com
aquele
beijo
mas
por falta
de outros
como aquele
as
crisálidas
morreram

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Indigestão de amor

Por Anjo Marchi

Nascida em Astolfo Dutra-MG, no dia 26.09.1978. Mudou-se para Juiz de Fora, em 1994, vindo a formar-se em Direito, no ano de 2001.
Em 1988, participação e classificação no V Concurso de Redação da Secretaria Estado, Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente – MG – com o título: "Meio Ambiente, pela Continuação da Vida".
Desde então participa de concursos literários nas modalidades de poesia e crônica, vindo a classificar-se em muitos deles.

ela comeu
o
amor
sem mastigá-lo
(...)
por não
digeri-lo bem
só restou
colocar
o dedo
no
coração
e
vomitá-lo

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Fim do confronto

Por Anjo Marchi

Nascida em Astolfo Dutra-MG, no dia 26.09.1978. Mudou-se para Juiz de Fora, em 1994, vindo a formar-se em Direito, no ano de 2001.
Em 1988, participação e classificação no V Concurso de Redação da Secretaria Estado, Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente – MG – com o título: "Meio Ambiente, pela Continuação da Vida".
Desde então participa de concursos literários nas modalidades de poesia e crônica, vindo a classificar-se em muitos deles.

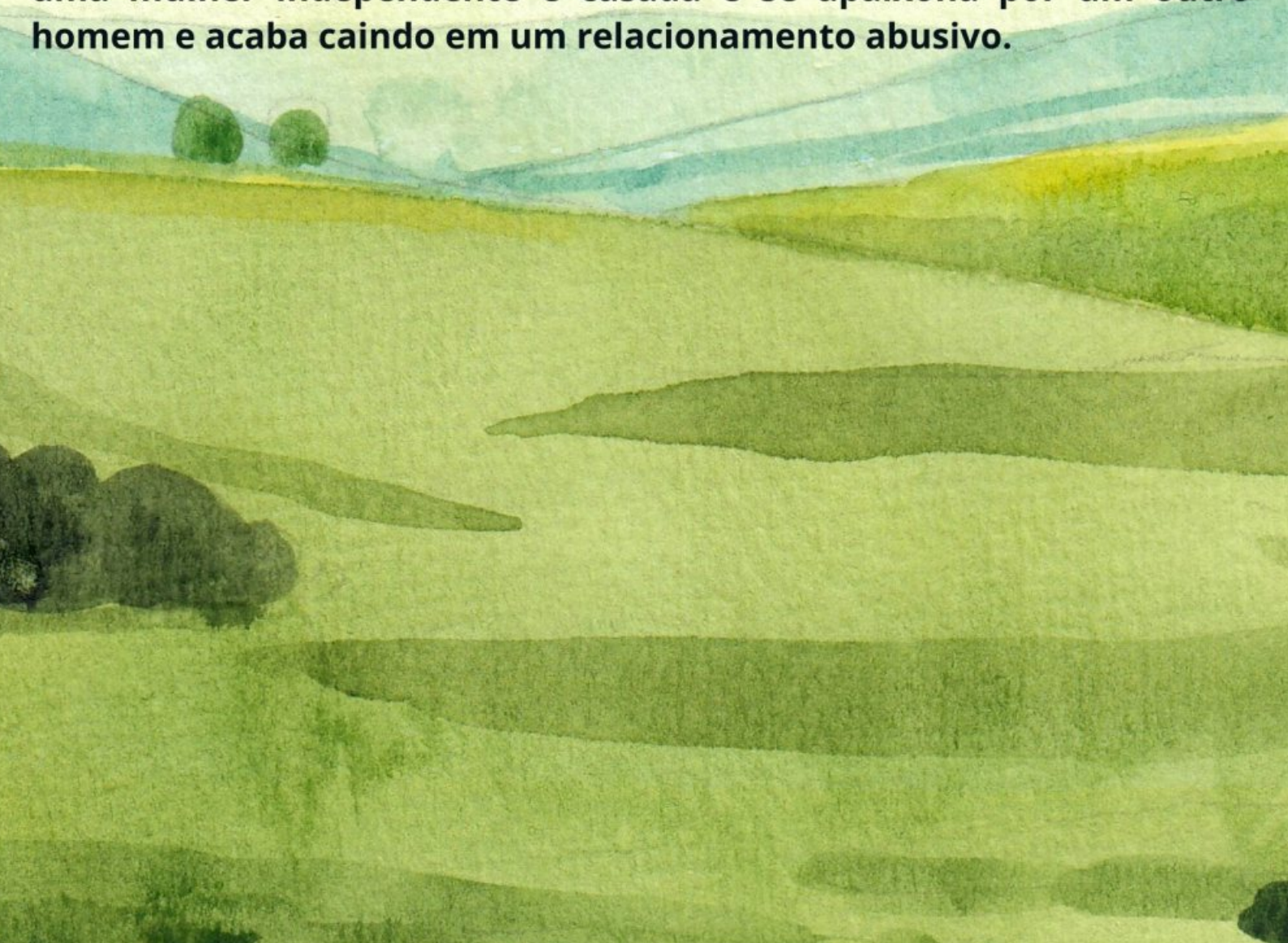
(...)
por fim
o
amor
venceu
o
tempo
e
eternizou-se

APRESENTAMOS O MINICONTO

Não há tempo para amar...

Por Barbara Ganzelevitch

Fisioterapeuta atuante, Acupunturista, formada também em Pedagogia, Estudante de Psicanálise, amante de Filosofia e Mitologia e Literatura.
Sempre gostei de ler e escrever, escrevo muitas poesias, pois para mim é terapêutico.
Atualmente estou escrevendo um livro à que conta uma história de uma mulher independente e casada e se apaixona por um outro homem e acaba caindo em um relacionamento abusivo.



Sentado sozinho à beira do lago, com o olhar distante, Delfos, já envelhecido pelo tempo, se perde em sua mente ao recordar cada *tic tac* que fazia o relógio e as muitas tarefas diárias que isso representava. Naquela época, não havia tempo para amar. Suas obrigações eram muitas, seu comprometimento com o trabalho era tamanho, que o pouco que lhe restava do seu dia era destinado às necessidades básicas.

O velho Delfos, como assim o chamavam na praça do lago, um de seus lugares...não diria preferidos, mas talvez mais frequentados, desde sua aposentadoria, caminhava todas as manhãs e lá encontrava alguns pares, com quem podia conversar sobre a saudades que sentia, principalmente daquilo que não havia vivido.

Filho de Gregos, seu nome teria sido escolhido por representar o antigo Oráculo de Delfos, que teve o auge de sua importância por volta do século V a.C. com respectiva fortuna pelas previsões e conselhos que lá eram oferecidos à nobres e pessoas comuns.

Nem sábio, nem afortunado, nem mesmo crédulo fora o velho Delfos. Vida de trabalhador comum, sem grandes feitos nem realizações, filhos crescidos e viuvez recente, sobrava no peito um espaço enorme, sobrava no tempo um espaço vazio, sobrava tempo para amar.

APRESENTAMOS O CONTO

Um dueto de amor

Por Cristiane Del Busso

Cristiane Del Busso nasceu em Guarulhos, São Paulo. Bailarina clássica, mãe de dois meninos. Na infância desenvolveu o gosto pela leitura inspirada pela mãe, ávida leitora, o que convergiu para a escrita. Com formação em Engenharia Química e Pedagogia, sua trajetória profissional permeia pelo mundo corporativo financeiro e hoje atua na área da Educação Infantil. Gosta de escrever sobre o seu olhar dos pequenos detalhes do mundo em que vive e suas impressões dos questionamentos cotidianos.

O teatro está vazio. O silêncio preenche todos os lugares da plateia. As cortinas do palco se abrem. Apenas as luzes auxiliares estão acesas. Um vulto se posiciona no meio do palco. A música rompe o silêncio e ela começa a dançar. A melodia despretensiosa, a voz macia a envolve como seu par e ela se entrega totalmente àquele momento. De olhos fechados, movimenta o seu corpo com a sensualidade e a doçura que a música pede.

“Pegue a minha mão, prometa-me que ficará tudo bem, abrace-me forte, perto de você eu ainda sonho.” A música ressoava o que estava no seu coração. As lágrimas desciam pelo seu rosto fino e pálido. A sua história de amor parecia distante de um final feliz naquele momento. Seu companheiro havia sido convidado para participar de outra companhia de dança. Haviam se conhecido anos antes. À primeira vista, completos desconhecidos, mas tinham uma ligação que não era possível explicar. No primeiro teste para o dueto, eles foram escolhidos. A partir daí, se tornaram amigos inseparáveis. Era nítida a cumplicidade, o respeito e o carinho entre eles. Sempre alegres e divertidos. A intimidade que tinham confundia alguns, acreditando que eram um casal. Eles sempre riam e diziam que não. Mas agora, com a separação eminente, ela percebeu que havia algo mais. Ela queria algo além das risadas e dos abraços. Ela não sabia como falar e acabaram brigando quando ele aceitou a proposta de ir para outra companhia sem ela. Eles pararam de se falar. Até aos ensaios, ele deixou de ir porque estava de partida, e ela se deu conta de que seu coração também iria se partir. Ele embarcaria no trem em algumas horas e ela resolveu preencher o vazio daquelas horas dançando a música solo deles. Mas como saltar ou sobrevoar o palco sem seus braços, sem seu apoio?

Ela repetia sem parar a música. De repente, ao se posicionar para dançar uma última vez, ela sente uma presença. O medo se mistura com a ansiedade. A música rompe o silêncio e ela reinicia os passos, agora acompanhada. Ela sente a face ficar quente, está ruborizada. Seu coração bate feito um tambor. A adrenalina percorre o seu corpo e dá um novo vigor. Ela sorri e seus olhos se cruzam. Ele está ali, o seu amor. Os corpos colados e embalados naquela brisa suave de sentimento. Não há necessidade de palavras. A música traduz o que seus olhos dizem: “vivemos nesta história de amor”. E em um dos passos, quando ela volta do ar, deslizando através de suas mãos, colada ao seu corpo, frente a frente, seus olhos consentem o beijo que tanto seus lábios ansiavam.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Ode a ti

Por Décio Araújo Filho

Décio Araújo Filho, poeta natural de Santa Luzia, MG é autor das obras: "Emborná di puisia", "Balaio de versos" e "Poemas de cada esquina". Seu poema "Visões minhas na pandemia" foi vencedor do 2º Concurso Literário Emídio de Souza, em Itanhaém, SP. Compôs o Júri da Noite Literária do 38º FESTIVALE - Festival da Cultura e Artes do Vale do Jequitinhonha, em 2023. Finalista do 33º Festival de Poesias de Cerquilho, SP, em 2023. Poemas seus integram antologias de várias editoras, tais como: "Antologia 1001 Poetas Contemporâneos", "Poemas Noturnos". "Simplicidade e Poesia", "Poesia BR 07", dentre outras.

Muitas e tantas curvas
Traz a vida em frenesi,
Numa delas tu encantou
Como serena tempestade
A renovar a vida em si;
O teu olhar
Celebrando saudade
Do tempo que já se foi
Aprisionou este poeta;
Na gleba dos teus sorrisos
Completei-me apenas de ti.
Fui além, vazei,
Gritei, apaixonei,
Desandei.
Rasguei o peito,
E lho entreguei.

Meus sonhos em correntezas,
Foram gotas do rio que desce
Lá do cume daquela serra
Repleto de carinhos
E de totais incertezas;
O caudal dessas fontes
Graciosas,
Abandonadas,
Perdidas e sós,
Fizeram em mim cirurgia
Profunda e decisiva,
Vera e de insana alegria,
De felicidade... Amor.
Dor? Nunca senti no caminho:
A anestesia dos teus carinhos

Até agora me faz bem.

Aproxime-se senhora faceira,
Deleite-se flor do sertão
Naquela rede de balançar
Perto do rio da tua serra
Ou pouco mais longe,
Nas praias de belas areias
Onde se quebram ligeiras
Tépidas ondas do teu mar;
Grito: traquina sereia...
Venha sonhar e navegar
Pelas águas abundantes
Que escoam do meu olhar,
E sorridente, mas, discreta,
Capturas os veros sentidos
Destes versos insinuantes
Que me ponho a inventar.

Caso fosse eu aquele rio,
Pedir-te-ia assaz contente
Mergulha nesta correnteza,
E canta teu canto silente
Que consola, mas faz sofrer;
Fique comigo, bela sereia,
Sigamos pelos caminhos
Juntos, embolados a viver
Cada dia de uma vez;
Como vinho alucinante
Teu sorriso me refaz,
Tua boca me convida,
Teus olhos rogam me ver;
Embriaga-me o teu perfume

Esse teu fogo de lenha e lume
Que me aquece para viver.

Fica comigo noite inteirinha
Em meus braços se aninhe
Deixa-me te fazer cafuné,
Até apertar o teu pé
Somente para me lembrar
Do amor intenso e fecundo
No infinito de cada segundo
Em que me entrego completo
Inteiramente a te amar;
Aproxima senhora faceira,
Desfruta de mim, flor do sertão,
Numa rede de balançar
Perto do rio da tua serra
Ou nas praias de belas areias
Onde se derramam ligeiras
Tépidas ondas do teu mar.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

No amar se é feliz

Por Décio Araújo Filho

Décio Araújo Filho, poeta natural de Santa Luzia, MG é autor das obras: "Emborná di puisia", "Balaio de versos" e "Poemas de cada esquina". Seu poema "Visões minhas na pandemia" foi vencedor do 2º Concurso Literário Emídio de Souza, em Itanhaém, SP. Compôs o Júri da Noite Literária do 38º FESTIVALE - Festival da Cultura e Artes do Vale do Jequitinhonha, em 2023. Finalista do 33º Festival de Poesias de Cerquilho, SP, em 2023. Poemas seus integram antologias de várias editoras, tais como: "Antologia 1001 Poetas Contemporâneos", "Poemas Noturnos". "Simplicidade e Poesia", "Poesia BR 07", dentre outras.

A mágoa é um ratinho
Que come devagarzinho
O melhor da emoção;
Ponha fim nessa figura
Mas que seja com ternura,
Na embalagem mais pura
Que tem por nome perdão.

A saudade é outro bichinho
Consome os pedacinhos
Da alegria de viver;
Ela somente se sacia
Com a mais linda alegria,
Embalada pelos carinhos
Nos momentos de te rever.

A tristeza é uma sombra
A envolver tua alma
E te impede ser feliz;
Tudo um dia passa, acalma
E abandona esse estado
De estar amargurado
Por tão doída cicatriz.

A desilusão é voraz
Alimenta-se dos sonhos
Perdidos na decepção;
Viver é ser audaz
Avante em nova lida,
Pois, a verdade da vida
É sempre renovação.

Irritação é mortal veneno
Que contamina de vez
As melhores relações;
Não permaneças pequeno,
Renove, por fim, a sensatez,
Como o canto mais sereno
Das melhores emoções.

Somos filhos do Amor
Para amar fomos criados,
Assim o mor poeta nos diz:
O bem é fardo suave
E jugo que brilha é luz,
Daquela que se traduz:
No amar se é feliz.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Flor da caatinga

Por Décio Araújo Filho

Décio Araújo Filho, poeta natural de Santa Luzia, MG é autor das obras: "Emborná di puisia", "Balaio de versos" e "Poemas de cada esquina". Seu poema "Visões minhas na pandemia" foi vencedor do 2º Concurso Literário Emídio de Souza, em Itanhaém, SP. Compôs o Júri da Noite Literária do 38º FESTIVALE - Festival da Cultura e Artes do Vale do Jequitinhonha, em 2023. Finalista do 33º Festival de Poesias de Cerquilho, SP, em 2023. Poemas seus integram antologias de várias editoras, tais como: "Antologia 1001 Poetas Contemporâneos", "Poemas Noturnos". "Simplicidade e Poesia", "Poesia BR 07", dentre outras.

Veja a mim flor da caatinga
Do meu sertão brasileiro
Dá-me dos teus sorrisos,
De todos, o mais perfeito,
A flor que traz espinhos
E uma dor dorida no peito.

Esta dor dolorida se cura
Só com chá de mussambê
Uma flor das mais singelas
Parecida com você:
Prende-me firme na terra
E me leva a endoidecer.

Das flores da caatinga
Mais cheirosa é a manacá,
É o perfume do seu sabor
Nas noites do meu luar,
Quando acordado eu fico
Sonhando com teu beijar.

Das mais belas é a flor
Do sofrido mandacaru,
A florescer nas caatingas
Pelas bandas do Pajeú,
Flor alva como a neve
Do Rio Grande do Sul.

Mulungu é flor espetada,
Mais parece uma espada
Tingida como o sangue
Que brota em profusão

Dos canteiros mais ardentes
Nos jardins do teu coração.

A malva e a flor de seda,
Como a flor da catingueira
E a beleza do mururé,
Perfumam como os cheiros
Que exalam das lindas leiras
Dos teus recantos de mulher.

Abraça-me flor da caatinga
Do meu sertão brasileiro
Dá-me dos teus sorrisos,
De todos, aquele perfeito,
A flor que traz espinhos
E uma dor dorida no peito.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Acidente geográfico

Por Décio Araújo Filho

Décio Araújo Filho, poeta natural de Santa Luzia, MG é autor das obras: "Emborná di puisia", "Balaio de versos" e "Poemas de cada esquina". Seu poema "Visões minhas na pandemia" foi vencedor do 2º Concurso Literário Emídio de Souza, em Itanhaém, SP. Compôs o Júri da Noite Literária do 38º FESTIVALE - Festival da Cultura e Artes do Vale do Jequitinhonha, em 2023. Finalista do 33º Festival de Poesias de Cerquilho, SP, em 2023. Poemas seus integram antologias de várias editoras, tais como: "Antologia 1001 Poetas Contemporâneos", "Poemas Noturnos". "Simplicidade e Poesia", "Poesia BR 07", dentre outras.

Foi assim menina e senhora,
Nesta manhã calma e silente
Recebi como um presente
Esta doce novel revelação:
“Sois acidente geográfico
Nas rotas de louca paixão”.

Refletido em espelho veraz
Vejo-me agora por inteiro
Cravado no teu oceano,
De um jeito perdido e insano
Que aprisiona, mas faz bem;
Sou açoitado por tuas vagas
A me torturarem também.

Sendo ilha, vejo-me cercado
Por todos os meus lados,
Envolto pela terra, pelo ar
Pelo oceano que és; mas, isolado
Como uma praia sem seu mar;
Tornei-me deserto abandonado
No qual não se pode banhar.

Sinto ondas dos teus sentimentos
Mas as marés desses argumentos
Destroem a quimera de um céu:
A sina de contigo estar.
Pois, ainda, menina e senhora,
Ignoro qual será a boa hora
Em que no teu mar irei eu nadar.

És o oceano em que me refugio,

E nas fontes infindas dessa energia
Fluem aquelas que sempre seriam
Razões para se navegar;
Senhora amada, doce menina,
Estou certo naquilo que pressagio:
Perto será o dia que em ti irei mergulhar.

APRESENTAMOS O CONTO

Quem não viveria dentro desse amor?

Por Diego Iturriet Dias Canhada

Diego é um escritor, professor e pesquisador brasileiro que vive em Madrid desde 2016. Possui dois livros publicados até o momento: a novela "Incêndios em uma Madrid Alucinada" (2022) e "A Aventura dos Sentidos - Reflexões sobre um Mundo em Queda Livre" (2023), uma coletânea de textos, a maior parte deles em forma de diários e escritos durante a pandemia. Atualmente está escrevendo um terceiro livro: um conjunto de contos que se chamará "Histórias de Amor".

Me sinto obrigado a contar uma das mais trágicas histórias de amor que já viveu um ser humano. Não posso ir para o outro mundo sem buscar a transcendência que essa narrativa merece. Esse corpo inerte em meus braços, banhado por sangue e lágrimas, é o da mulher que mais amei na vida. Na verdade, talvez a única pessoa que eu realmente tenha amado.

Ela me encontrou quando eu estava perdido, sumido em uma profunda tristeza, e talvez foi isso que lhe chamou a atenção. A improvável cena — praticamente ausente na realidade e presente em infinitas cenas de filmes — aconteceu comigo aquela noite. Quando estava no balcão de um bar, me afundando na bebida em completa solidão, após perder todas as esperanças e assumir o fracasso de minha existência em poemas que escrevia em guardanapos, ela saiu das sombras e me trouxe algo que, de forma bastante contraditória, eu poderia chamar de luz.

Só depois de um tempo consegui entender o que aconteceu, ainda que eu possua muito mais perguntas do que respostas, e talvez por isso mesmo eu escreva. Ela era uma vampira. Por forças de um destino que ela amaldiçoava, era obrigada a arrancar a vida de outros para seguir existindo. Na noite em que nos encontramos, para minha sorte, ela estava saciada, pelo menos de sangue.

— Que você escreve nesses guardanapos?

— Palavras aleatórias que, quando combinadas, poderiam criar imagens, cheiros e sentimentos em quem as lê…

— Ou seja, poesia?

— Depende das definições, critérios e exigências de cada um. No meu caso, as chamo de *palavras em um guardanapo*, não possuem a mínima qualidade para serem chamadas de poesia.

— Seu copo está vazio. Que você estava bebendo?

— *Old Fashioned*, a bebida de Don Draper.

— Dois *Old Fashioned* — ela pediu ao garçom.

Foi o único diálogo daquele momento que lembro com clareza. Quando a bebida chegou, deixei o guardanapo de lado e me girei para agradecê-la. Nossos olhos se cruzaram e fui invadido por uma sensação que, de certo modo, só agora começa a me deixar. Suas inexplicáveis habilidades, certamente sobrenaturais, me fizeram ver e sentir algo que não encontro palavras para explicar: era uma espécie de droga que, agora que acabou, se

converteu em uma dolorosa abstinência. Só agora me dou conta de que nos meses em que estivemos juntos, eu estive todo o tempo em transe.

Nessa mesma noite em que nos conhecemos, fizemos o melhor sexo que eu havia experimentado. Sigo sem saber se ela era realmente tão linda como eu a via, ou era parte de seu poder criar a sua própria beleza nos meus olhos. Seu cheiro me embriagava, ainda mais quando abri suas pernas, tirei sua calcinha e me deliciei com o sabor do seu néctar. E foi ao penetrá-la que a verdade começou a revelar-se para mim: enquanto ela cavalgava e se retorcia com meu membro em seu interior, seus olhos castanhos deram lugar a uma íris escarlate, seus longos caninos apareceram e senti que sua vagina me sugava para os confins do Universo. Não me assustei, pelo contrário: quando gozamos juntos, eu senti que éramos como duas estrelas brilhando no firmamento. Ao ejacular, eu praticamente desmaiei. Ao abrir os meus olhos, encontrei os seus. Suas mãos em meus cabelos eram o afago que a vida havia me negado por muito tempo.

— Você é um espécime raro. E mais raro ainda é isso acontecer, se passam várias dezenas de anos para que algo dessa força possa surgir. Quando isso ocorre, o feitiço que eu pareço controlar também se apodera de mim, já não consigo mais vê-lo como alimento. É impressionante sentir isso, não é mesmo?

— Só posso dizer que no bar eu queria morrer, e agora quero viver eternamente para que isso nunca termine. E por que comigo? — lhe perguntei, sentindo-me um pouco como o músico das *Intermitências da Morte*, de Saramago.

— Não tenho ideia, simplesmente aconteceu, dizem que o amor é um dos maiores mistérios que existem. Talvez seja porque você escreve palavras em um guardanapo. — disse, enquanto sorria, com uns tristes e brilhantes olhos que eram o mais puro reflexo da nostalgia de quem viveu mundos e épocas que se esfarelaram no transcurso do tempo.

Vocês devem estar se perguntando porque o que começa dessa forma termina com seu corpo sem vida no meu colo. A resposta é que ela já não vivia desde que havia sido transformada. Sua existência era o vazio, a busca solitária e desenfreada por sangue humano. Diferente de outras histórias de ficção sobre o assunto, minha vampira era uma sinistra realidade que perambulava pelo mundo através do tempo e do espaço, que não sabia nem como havia sido convertida em um monstro desde que, séculos atrás, foi violada e se despertou sem vida.

Quando se apaixonava e voltava a sentir-se como uma humana, já sabia que em poucos anos teria que enterrar um ancião que, após ser enfeitiçado, envelhecia rapidamente e

tinha sua vida consumida pelo prazer e pela loucura. Apesar de toda essa embriaguez e do sentimento de estar viva novamente, cada perda era extremamente dolorosa, lhe abria um fosso cada vez maior e a tornava cada vez mais sedenta. Isso a convertia em uma máquina de matar, ainda que geralmente ela escolhia quem achava que merecia: não deixava de ser uma vingança do que fizeram com ela em um passado longínquo.

De qualquer modo, os meses em que estivemos juntos foram os mais significativos da minha existência. Lembro-me de que ela chorava enquanto eu lia alguns dos poemas que escrevia, dos vinhos que bebíamos juntos como se fossem sangue, e dos vulcões que entravam em erupção enquanto fazíamos amor, quando seus olhos ficavam vermelhos e acendiam algo tão poderoso em mim que eu nem sabia que existia. Meus escritos, que eu tinha vergonha de compartilhar com o mundo, eram para ela uma fonte de prazer e lágrimas. E eu, que até então me considerava um fracassado com as letras, pela primeira vez sentia que construía algo que possuía algum tipo de valor artístico quando a via se emocionar com minhas palavras.

— Preciso que você acabe comigo, não suporto passar mais uma vez por isso! — me disse um dia, após eu ler o que eu considerava, até então, o meu melhor poema.

Só não entrei em desespero porque na mesma hora ela me anestesiou ao segurar minhas mãos, mas me disse que eu teria que me preparar, já que tirar sua vida, que havia sido arrancada há muito tempo, seria *o maior ato de amor de minha existência.* E que, para isso, eu deveria estar plenamente consciente do que fazia. Quando chegasse a hora, ela usaria toda a sua energia para tentar bloquear e destruir o campo de força que havia surgido entre nós, inclusive porque seria isso que me permitiria afundar uma estaca no seu coração.

Essa é a nossa história, que durou exatamente nove meses, uma verdadeira ironia do destino. Eu sou o homem que viveu uma história de amor com uma vampira. E que agora a tenho desfalecida em meus braços enquanto sou torturado por uma impiedosa dor. Fui o responsável por dar um fim à eternidade, cruzei o infinito do universo enquanto gozava e me perdia no fogo dos seus olhos. Essas palavras são o registro vivo de que ninguém nesse planeta conhece todos seus mistérios. E que a paixão e o amor, suas coincidências e diferenças, apesar de suas definições e categorizações, são algo inexplicável. E que histórias como essas podem nos despertar da morte em vida, assim como também podem nos queimar vivos.

Agora só me resta o *gran finale*. A música que escuto é *Stand Inside Your Love,* do Smashing Pumpkins. Não poderia haver melhor trilha sonora para acompanhar esse relato. Realmente, foi uma loucura incalculável do destino o que aconteceu conosco, era virtualmente impossível de ocorrer e ocorreu. Ela foi tudo que eu quis e implorei nesse mundo e, apesar disso, fui eu quem me tornei um assassino ao destrui-la. *Quem não ficaria dentro desse amor? Quem não viveria dentro disso? Quem não morreria por esse amor?* Quando essa última pergunta finalmente se formula no meu interior, a mesma estaca que interrompeu a sua eternidade também atravessa o meu peito.

A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Um Devaneio com Expectativas Românticas

Por Diego Iturriet Dias Canhada

Diego é um escritor, professor e pesquisador brasileiro que vive em Madrid desde 2016. Possui dois livros publicados até o momento: a novela "Incêndios em uma Madrid Alucinada" (2022) e "A Aventura dos Sentidos - Reflexões sobre um Mundo em Queda Livre" (2023), uma coletânea de textos, a maior parte deles em forma de diários e escritos durante a pandemia. Atualmente está escrevendo um terceiro livro: um conjunto de contos que se chamará "Histórias de Amor".

Eu era uma cabana nas serras de Santa Catarina, na região de Urubici. Fui construída no alto da montanha, em um belo e verdejante Parque de Araucárias. Estava completamente integrada à natureza ao meu redor, tanto que as raízes das árvores rasgavam partes de minha estrutura. E eu não tinha certeza se eu era apenas uma casa ou era também o parque. Na verdade, eu não sei muito bem quem eu sou.

O que eu sim sei é que após receber todo tipo de hóspedes em meus aposentos, certa vez fui cenário de um encontro que era um verdadeiro devaneio, um devaneio com expectativas românticas, para ser mais preciso com as palavras. E foi como uma tempestade no meio do deserto, com tamanha força que trouxe até beija-flores e vagalumes para perto de mim. Não sei exatamente como aconteceu, mas sei que eles abriram uma fenda no tempo e no espaço exatamente onde eu estava, e me utilizaram como palco para construir uma pequena eternidade de uma noite.

Muitas segundas-feiras e finais de semana são impossíveis de lembrar, me esqueci da maior parte dos demais hóspedes que passaram por mim. Entretanto, me lembro deles chegando em um misto de apreensão e entusiasmo. Trazendo com eles uma verdadeira tormenta de música e dança, um vendaval de toques e sorrisos, um carnaval de emoções e sensualidade.

— Vou sentir saudades — disse ela em algum momento, enquanto lhe abraçava carinhosamente.

E então eu comecei a flutuar sem que eles se dessem conta, atravessei as nuvens e possibilitei que, abraçados, eles vissem de perto algumas das estrelas que compõem as galáxias de nosso Universo. Cheguei a me aproveitar do seu esquecimento, roubei a chave do carro dela para deixá-los presos comigo para sempre, mas percebi que isso não tinha nenhum sentido.

A última cena que presenciei foi um belo e afetuoso beijo de despedida na manhã do dia seguinte, uma pintura que deixei emoldurada em minha memória. Nos momentos em que me sinto aqui sozinha na montanha, eu visualizo os lábios deles se tocando. E começo a sentir o cheiro de café, escuto o canto dos pássaros, algo no meu interior começa a dançar, ouço o gozo deles na minha cama e as estrelas começam a brilhar. E, então, eu já não estou mais sozinha.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Ser gregário

Por Efepê Efe Oliveira

Efepê Efe Oliveira – pseudônimo de Francisco Petrônio Ferreira de Oliveira, natural de Santo Antônio do Norte (TAPERA) distrito de Conceição do Mato Dentro (MG), assessor parlamentar, 55 anos, casado, pai e avô de Valentim, Vicente e Matias. Presidente fundador da AMILCA (Academia Mineiropaulista de Letras, Ciências e Artes), ativista cultural, organizador de coletâneas poéticas, poeta, contista, sonetista. Coautor em diversas coletâneas no Brasil e em Portugal. Doutor Honoris Causa em Literatura.

Sempre tive bons amigos.
Amores? Também tive,
pois sozinho não se vive.
Mesmo que se tenha abrigo,
mesmo sem ter inimigos...
Pois se existe um coração
que é celeiro de emoção,
não é fácil carregar
o fardo da solidão.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Ser de Luz

Por Efepê Efe Oliveira

Efepê Efe Oliveira – pseudônimo de Francisco Petrônio Ferreira de Oliveira, natural de Santo Antônio do Norte (TAPERA) distrito de Conceição do Mato Dentro (MG), assessor parlamentar, 55 anos, casado, pai e avô de Valentim, Vicente e Matias. Presidente fundador da AMILCA (Academia Mineiropaulista de Letras, Ciências e Artes), ativista cultural, organizador de coletâneas poéticas, poeta, contista, sonetista. Coautor em diversas coletâneas no Brasil e em Portugal. Doutor Honoris Causa em Literatura.

No poder do seu sorriso
a força de enfeitiçar,
o mapa do paraíso,
mil motivos de lhe amar.

O seu secreto poder
que a faz ser maravilhosa
é, no rosto, sempre ter
“a risada mais gostosa”.

Quando o sol enciumado
nos seus cabelos reluz
o mundo queda admirado
diante da sua luz.

E igual a você, também,
a vida é não ter limites,
pois viver é ir além
daquilo que o amor permite.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O amor e seus descabelos

Por Efepê Efe Oliveira

Efepê Efe Oliveira – pseudônimo de Francisco Petrônio Ferreira de Oliveira, natural de Santo Antônio do Norte (TAPERA) distrito de Conceição do Mato Dentro (MG), assessor parlamentar, 55 anos, casado, pai e avô de Valentim, Vicente e Matias. Presidente fundador da AMILCA (Academia Mineiropaulista de Letras, Ciências e Artes), ativista cultural, organizador de coletâneas poéticas, poeta, contista, sonetista. Coautor em diversas coletâneas no Brasil e em Portugal. Doutor Honoris Causa em Literatura.

Diante do amor somos crianças
vivenciando mil contos de fadas,
vagamos por florestas encantadas
e sobeja a vida em esperanças.

Mas se nos assola a desconfiança,
vamos, com as tristezas, de mãos dadas;
todo o tudo se transforma em nadas,
há tempestades, nenhuma bonança.

Ante ao amor somos inocentes,
distraídos, incautos, descuidados
deixamo-nos prender tão facilmente.

E só então, após encarcerados,
é que nos damos conta, finalmente
de que os grilhões, por nós, foram forjados.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Força e suavidade

Por Efepê Efe Oliveira

Efepê Efe Oliveira – pseudônimo de Francisco Petrônio Ferreira de Oliveira, natural de Santo Antônio do Norte (TAPERA) distrito de Conceição do Mato Dentro (MG), assessor parlamentar, 55 anos, casado, pai e avô de Valentim, Vicente e Matias. Presidente fundador da AMILCA (Academia Mineiropaulista de Letras, Ciências e Artes), ativista cultural, organizador de coletâneas poéticas, poeta, contista, sonetista. Coautor em diversas coletâneas no Brasil e em Portugal. Doutor Honoris Causa em Literatura.

Que belo é um amor maduro,
aquele da hora certa,
do tipo que destroi muros,
chega e te desconcerta.

Que mexe nas estruturas,
traz paz e inspiração,
tem calor, mas tem candura,
se instala no coração.

Fogo e serenidade,
carinho e perseverança,
co'a força da tempestade
e a placidez da bonança.

Que te faz perder o medo
de te atirares n'escuro,
sem meios termos ou segredos…
que belo é um amor maduro.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Infinito amor

Por Fátima Cantarino

Nasci na cidade de Barbacena - Minas Gerais, para residir numa comunidade rural chamada Bom Sucesso, levo uma vida simples e escrevo algumas poemas na qual participei de alguns concursos, gosto da leveza da natureza, descreve-la, além de fé, e amor gosto de escrever contos.

De tudo vou ser quem busca-te.
Quem procura olhar e ter em pensamento.
Se fosse como sinal mau seria tu,
Alguém que tanto prende meu afeto
Se fosse os momentos sinal que trouxe.
Sinal de onde vem?

Sendo tarde sinal, trouxe solidão,
Sendo fim de uma angústia a manhã,
Sendo noite confundi-te com infinito pensamento.
Quem sabe sinal daquele encontro.
Encontro que durou ao ver-te.

Se fosse traduzido esse sinal
Foi ao dizer apesar da dor vivê-lo.
Encanto de meus pensamentos
Trazendo um zelo e chama
Sinal vindo não de algo da matéria física
Mas de um amor sobrenatural que será infinito imortal.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Amar sempre

Por Fátima Cantarino

Nasci na cidade de Barbacena - Minas Gerais, para residir numa comunidade rural chamada Bom Sucesso, levo uma vida simples e escrevo algumas poemas na qual participei de alguns concursos, gosto da leveza da natureza, descreve-la, além de fé, e amor gosto de escrever contos.

Amar é buscar estar na paz
Ter carinho, compreensão
Amar e ter a vida unida,
Sem nunca deixar ir de vez, a quem amamos.
Amar é buscar acalento, vivendo como se estivesse perto da luz.

Amar é trazer a alma equilibrada, segura, tranquila no amor,
Pois o amor equilibra acalma não deixa agitada.
Amar é estar feliz mesmo longe
Não mudando o amor com tempo.
Mas buscando vive comprometimento, que começou o amor.

Amar é ter e buscar teu rosto
Mesmo que seja no pensamento,
Pois para vivê-lo não necessita
Ver- te e até mesmo tocar-te e sentir
Amar e te olhar do outro lado
Amando de maneira silenciosa.

A P R E S E N T A M O S O

Soneto do amor possível

Por Flavio Joppert

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.

Ele é um “eunuco”.
Não é um homossexual.
Eu sou sapatão, não culpo.
Amo ele; não há mal...

Se eu for a fêmea,
e ele também,
não há esquema.
Mas se eu for além...

Eu a macha,
e ele a fêmea.
Eu chego nele...

Quem sabe ele
se acha
e acaba o problema?

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Coisas que ainda não te disse

Por Francisco Alpha

Catarino Manuel Sebastião Francisco, nascido aos 25 de junho de 2000. Francisco, como prefere ser chamado, é um escritor Angolano de Pais de São Tomé.

Francisco começou a escrever aos 14 anos, usava a escrita como forma de desabafo e uma escapatória a sua depressão.

Apesar de começar a escrever muito cedo, foi só aos 19 anos que decidiu mostrar seus escritos para o mundo, criando assim sua página no Facebook.

Francisco conta agora com dois livros publicados: "Meus Sonhos, Meu Mundo" e "Versos esquecidos".

Francisco acredita que escrever não é sobre dom ou talento, é sobre a capacidade de tirar pra fora o que se sente por dentro.

E talvez um dia eu te escreva uma carta
Dizendo as inúmeras vezes que te vi de longe andando na calçada
As inúmeras vezes que pensei em gritar no meio da rua que te amo
Mas senti vergonha e medo de não sentires o mesmo
Porque várias vezes olhei para as estrelas e parecia que elas se alinhavam pra desenhar seu rosto
Várias vezes ouvi Djavan e parecia que a letra te descrevia
E ainda que respeite Picasso e Van Gogh, continuo te achando mais linda que a Monalisa
E aquele livro de Pepetela, falava de um menino bobo e apaixonado
Me fez lembrar de mim, cada vez que estou do seu lado
Quero te levar pra sair nas manhãs de domingo
Te ler nas entrelinhas do meu livro preferido
Te dedicar "Just the way you are" de Bruno Mars
E em meio a tanta gente, sem medo de ser apedrejado
Quero gritar que és mais linda que qualquer obra de Van Gogh
És uma obra exposta na galeria da vida
Criada e assinada pelo criador
E dada de presente pra mim
Então se não for pedir muito... Por favor, me faça feliz

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Mesmo depois do fim

Por Francisco Alpha

Catarino Manuel Sebastião Francisco, nascido aos 25 de junho de 2000. Francisco, como prefere ser chamado, é um escritor Angolano de Pais de São Tomé.

Francisco começou a escrever aos 14 anos, usava a escrita como forma de desabafo e uma escapatória a sua depressão.

Apesar de começar a escrever muito cedo, foi só aos 19 anos que decidiu mostrar seus escritos para o mundo, criando assim sua página no Facebook.

Francisco conta agora com dois livros publicados: "Meus Sonhos, Meu Mundo" e "Versos esquecidos".

Francisco acredita que escrever não é sobre dom ou talento, é sobre a capacidade de tirar pra fora o que se sente por dentro.

E ainda que não te ame mais
Nunca vou esquecer o quão importante você foi pra mim
Meu primeiro amor
Ainda lembro do meu sorriso cada vez que chamava meu nome
O frio na barriga por estar perto de você
E a vontade imensa de abraçar e não deixar mais ir

Infelizmente acabou
E mesmo que eu pudesse ver o futuro
Ainda que soubesse que nosso feliz pra sempre não seria pra sempre
Eu teria tentado ser feliz com você
Porque entre tantas pessoas no mundo
Não poderia me apaixonar pela primeira vez por ninguém melhor que você
Minha eterna paixão
A primeira mulher que fez bater mais forte o meu coração

APRESENTAMOS O POEMA

O homem: cantos (de tantos)

Por Helton Silva

Nomes como T. S. Eliot, Manuel Bandeira, Ezra Pound, etc., são premissas importantes à fundamentação de seus trabalhos poéticos. A literatura enquanto campo de aprendizagem cultural humana, é condição angular, de interesse pessoal e criativo. Machado de Assis, Eça de Queirós, Thomas Mann, Raymond Aron, James Joyce, W. Shakespeare, são referências à sua obra. Crê enfaticamente que a música enquanto ferramenta primordial ao processo de criação poética é condição *sine qua non* a obras que se aproximem com emotividade do processo de fruição humana.

I

Como num voo brando de um pássaro,
em um prado anuncia sua chegada,
conspira aqui, tênue lembrança.
Rico ardor pela vida, continuidade.
Perene luta pelo ser.

Não - o *ser* em seu menor sentido!
O ser que nasce, cresce – vínculos tantos!
Encontra pelo caminho luz, escuridão, preces, sonhos...
Sonhos: a miúde esquecidos - baú longínquo!
Quiçá não ser... Mistério!

E a régua histórica solene solapa - só restam as origens?
O colo, um resguardo fiel: de mãe?

Abençoados são os que prescrevem o indelével.
Requisito de valor.

E o homem segue a intensa busca.
Quem sabe inatingível... Impagável!
Questões que fundamentam o quê e o como:
somos o que somos.
Não há descrição e nem discrição!

II

Léguas e léguas à procura por *si mesmo* gotejam pingentes dourados,
precisos como um *conta-gotas* mensurando e medindo:
o que é de pertencimento?

Haja afago e amparo... Não mais aqui é o que queres!

Querer e poder em si mesmo, assola resultados raros, insólitos!

A longa condição emotiva humana?
A paleta de cores, o cromatismo, acomoda a amalgamação – conexão.
Caminhos quem sabe inusitados – o paladar da descoberta, da essência, do encontro!
Como um pintor em seu estado mais profundo de emotividade e criação,
nunca se faz sozinho.

Há sempre por trás do olhar um campo de variáveis - adentras e exterioras!
Condições prévias à sua obra: bucólico íntimo?
Dos distintos contrastes de matizes constrói-se uma imensidão de estimas,
fecundos manadeiros conceituais.
Não mais impetuoso! Lastros perceptíveis de alguém aquém dali,
em profundo enredo, arrisca pronunciar um pouco
ou grita ao mundo a plenos pulmões:

"Faz-se em mim a expectativa de alma, de individuação...
Por mim e pelo próximo!"

Menos refutável que a inquietude por outros lugares – *o cheiro de campina molhada* –
na tentativa de equilibrar-se, apreende a criatura que se sobrepuja longínqua:

Razão de ser?
De ser?
Razão...

E segue a procura, não mais de esperanças adentras.
Caça um olhar por trás dos montes gelados, clínicos!

Vida... E é só vida!
A luta é incomensurável.

Não há luz, há apenas fleches instigando a visão!
Persiste! Andada árdua.

Depara pelo caminho, afora mechas brancas,
o corpo - demanda repouso!
Não há tempo nem agrado para tanto!
E persiste na estrada.
Longeva se vai...

III

Percebe-se alguém que vem ao encontro.
A alma apreendia aquela imagem achegar!
"Minúsculo espectro, longevo caminha?" – balbucia.
A fadiga e o temor do encontro o assolavam.
Imperioso embate!

Aquela imagem sinérgica crescia a cada passo,
viva se tornara – mais que uma?

O homem refez seu caminho mentalmente,
ensaiando evitar tal encontro.
O corpo já sucumbia por alento.
Não mais refletia a cobiça d'alma vã.

Fatigado e afoito frente ao que lhe justapunha à visão,
aos poucos sucumbia!
O pouco ar remanente, esfolava a garganta,
num suspiro último, em que a razão não cumpre mais seu papel,
Inimaginável!

As mãos daquele que se aproximava por entre seu pescoço:
Nenhuma fala se fez...
Apenas afago!

O olhar esfalfado do homem ali estirado no lhano,
alcança diversos que acostavam.

“Dê-me a salvaguarda!” – murmura.
A água escorria em sua boca,
pelas mãos de outros.

IV

Os derradeiros momentos do homem,
as reações físicas de entrega,
em si externadas: singelos olhos aos que o cingiam!
Eis aqui os últimos suspiros – execrado ao ignoto,
pressente a pluma clara, pelas mãos de outros, que não as dele.

A emotividade afaga-o, sofrido.
Coisa nenhuma era aguda como aqueles acenos – gestos.
Debelavam tudo aquilo que não condizia consigo.

Mas era bom...
Quiçá,
AMOR?

Ninava a alma fatigada, incessante busca – corpo irreparável de feridas.

O sorriso e a lágrima daquela menininha – junto aos outros...
Última cena vivida!

Em razão de ser, o homem brandiu e com qualquer alento restante,
acariciou o semblante da miúda de olhos claros,
contemplou ao redor como último sinal.
Abrandou o espírito e tão-só sussurrou:

Obrigado.

APRESENTAMOS O POEMA

Convívio conivente convencido

Por João Vitor Faria

João Vitor Faria é natural do litoral norte de São Paulo, autor de 3 livretos de poesia já publicados: Licença nada Poética, Versos Avulsos para Qualquer Crush e Momentum, respectivamente. Hoje aos 24 anos (tendo começado a se interessar pela escrita aos 14) na fase adulta tomou tal atividade como objetivo principal de ascensão pessoal.

Eis que tu viras a mim
Vendo o que não vejo em você,
Te vira direto de jeito manequim
A compaixão falsa me deixa à mercê...

Eu me viro em torno a ti
Pois tua pessoa arde minha pele
Voraz fica meu ego, admiti
Ante sua maldade que revele...

Nos viramos cara a cara
E veríamos de repente uma mágoa,
Numa sentença que se desvaira
Fazendo do meu fascínio uma rascoa...

Reviramos cada um pra um lado
Sem se despedir ou acenar...
Classificando nosso passado revelado
Apagando um sentimento secular.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Com ou sem amor

Por João Vitor Faria

João Vitor Faria é natural do litoral norte de São Paulo, autor de 3 livretos de poesia já publicados: Licença nada Poética, Versos Avulsos para Qualquer Crush e Momentum, respectivamente. Hoje aos 24 anos (tendo começado a se interessar pela escrita aos 14) na fase adulta tomou tal atividade como objetivo principal de ascensão pessoal.

Catimba meu coração,
Quebre minha objeção,
Mate-me com teu não,
Desejo tanto sua rejeição,
Para minha falsa afeição,
Regaça essa contradição,
Converta a revolta em noção,
Trate do lucro da razão,
Acertando na falta de percepção,
Nessa terrível obsessão,
Enterre a ridícula divisão,
Separe essa maldita obrigação.

A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Compro ouro

Por Luiz Gustavo Fonseca

Redator publicitário de ofício, Luiz Gustavo Fonseca prefere definir-se como 90% redator e 10% publicitário. Nascido em São Paulo em 1981, escreve desde criança, paixão que nem mesmo 20 anos de propaganda conseguiram eliminar. Apesar do temperamento recluso, é um verdadeiro leitor de pessoas, que usa de sua introspecção para observar a natureza humana. Também apesar dessa personalidade, é casado há 11 anos e pai de dois filhos. Senso de humor peculiar.

Alberto caminhava rápido, de cabeça baixa e pensamentos espalhados.

Pelo centro da cidade mais congestionado do que nunca, nem se incomodava em desviar dos outros pedestres; seguia seu passo atarantado, esbarrando e se deixando empurrar, enquanto murmurava de si para si: como vai ser?

Era o aniversário da esposa. Olga fazia 60 anos e Alberto sentia não poder oferecer nada à altura de uma data tão significativa.

Desempregado, presentes estavam fora de cogitação. Uma festa? Nem pensar. Seu jeito misantropo, acentuado pela idade, afastara amigos e familiares. Até mesmo o único filho havia se mudado, de família formada, para trabalhar no Canadá (ou na Austrália, não se lembrava no momento). Pensou brevemente em uma viagem para visitá-lo. Imagine, surpreender Olga com um abraço dos netos.

Como, nesses tempos?

Vagando perdido por aquelas ruas tão familiares, onde haviam se conhecido 42 anos atrás, Alberto tentava reencontrar algo que nem era capaz de definir.

Não era uma loja especifica onde um vestido poderia caber no curto orçamento; não era um velho café, hoje de portas fechadas, onde poderiam reviver os primeiros passeios da mocidade. Não, não era nenhum ponto turístico de suas memórias evanescentes que Alberto procurava em seu passo apressado.

Procurava algo de mágico. Um gênio, um anjo, quem sabe, não procurava por si mesmo na juventude?

Sim. Um Alberto jovem, virgem de desencantos, talvez tivesse bons conselhos a oferecer. Aprenda a escutar, a ceder. Seja paciente. Seja mais doce. Valorize sua Olga em todos os momentos e um aniversário de 60 será apenas um dia, mais um dia feliz no calendário, em vez de uma oportunidade cósmica de compensação.

Ame, meu velho. Ame com toda a sua força.

O Alberto atual não sabia dizer onde o rapazola conquistara tanta sabedoria, mas os melhores truques de mágica são assim mesmo, não têm explicação.

De repente, em frente ao antigo Mappin, um outro ser humano finalmente consegue capturar a atenção dispersa de Alberto. Ensanduichado por duas placas de madeira, um homem magro e de cabeça grande sacode um sino anunciando: compro ouro.

Os olhos de Alberto brilham e sua mão direita busca, no dedo peludo da mão esquerda, a aliança grossa de ouro puro. Seu coração congela.

Aproveitando a multidão, algum malandro furtara-lhe o anel.

Ignorado por uma cidade inteira que ali passava, cada um mergulhado em seus dramas próprios, Alberto realmente não sabia como ia ser. Já não escutava mais o sussurro imaginário de seu jovem conselheiro.

Foi-se o símbolo. Ficou o amor?

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Amor é arte

Por Maria do Socorro Silvestre Maia

Maria Maia é socióloga e antropóloga e mestre em comunicação social pela Universidade de Brasília. Trabalhou durante 20 anos como roteirista e documentarista na TV Senado. Publicou poemas em antologias, jornais e revistas. A "poeta da palavra e da imagem", como gosta de dizer, se autodefine com um verso de Mário de Andrade:" eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinquenta".

Nós, artistas, somos incríveis
Nos colocamos no mundo
com Amor profundo e invencível
Amor pela Arte em qualquer parte do globo
Nós artistas sempre nascemos de novo

APRESENTAMOS O MINICONTO

A cura

Por Nathalia Calçada

Nathalia Calçada, Pedagoga, formada em Letras, professora de Literatura e Gramática, estudante de Linguística, paulistana de 27 anos, mãe, filha, esposa e lésbica, que sonha desde muito jovem em fazer de suas palavras alguma revolução, nem que seja apenas para poucos leitores.

Era uma vez em uma cidadezinha daquelas tão pequenas, que todos eram vizinhos, lá morava uma moça, muito jovem, que de tão amargurada tornou-se doente.

Sua casa era fria e seu quarto parecia um deserto.

Certa noite ao se deitar sentiu-se pior que de costume. Seu corpo estava quente e parecia delirar.

Ao fechar os olhos percebeu que não estava sozinha, havia muitos fantasmas ao seu redor.

Foi quando de repente uma visão desenhou-se a sua frente.

Era tão branca como um lírio. Debruçou-se levemente sobre a cama. Era uma mulher, de sonho e suavidade.

Como uma flor florindo ao sol poente. Ela aproximou seus lábios de seus ouvidos e disse bem baixinho:

“Eu me chamo saudade e venho para levar o teu coração doente”.

A moça sorriu e pediu-lhe que não o fizesse, pois não desejava tornar-se fria como o gelo, ou nunca mais chorar por qualquer coisa que ainda pudesse ver.

Aquela tal aparição, não tinha a intenção de deixá-la sem coração, mas de apenas arrancar-lhe toda aquela amargura, para que um dia um novo amor lhe enchesse o peito.

A moça insegura, porém, esperançosa pela primeira vez em muito tempo, entregou-se e permitiu que a mulher assim o fizesse. Que lhe arrancasse o coração doente.

Esse completamente despedaçado foi embora naquela noite.

Quando a moça fechou os olhos sentiu que poderia tornar a viver, pois o seu coração, aquele doente, podia sentir, pois o seu coração podia sentir amor novamente.

APRESENTAMOS O CONTO

Sequer um minuto

Por Rai Alencar

Uma jovem escritora apaixonada por literatura e que utiliza da escrita como sua forma de encantamento.

O Sol observava atentamente o jovem sentado na praia. Cabisbaixo, ele evitava encarar os turistas e conformava-se em balançar a cabeça, vez ou outra, em negação, enquanto ainda olhava a fotografia em suas mãos. Era uma imagem simples, um jovem casal sorrindo para a câmera. Contudo, para o carrossel de emoções que circulava na mente do rapaz, aquilo só lhe trazia mais dor. Mas era isso que ele queria, que doesse, pois, assim não se sentia tão arrependido.

Diferente do que os outros astros comentavam o Sol não era bisbilhoteiro, apenas tinha uma curiosidade que precisava ser aguçada vez ou outra. Este rapaz, em especial, chamava sua atenção, pois ele vinha com frequência para vê-lo brilhar no começo de cada manhã do ano passado, todavia, havia uma garota ao seu lado, a mesma da foto. Em seu breve encontro com a Lua, tempos atrás, ela contara-lhe sobre a briga deste casal. Segundo ela, a garota estava disposta a abrir mão de tudo por esse amor, enquanto o garoto queria viajar para focar na carreira. Planos diferentes, separados ocasionalmente por birra do destino, o Sol já conhecia essa história antes.

De vez em quando, porém, o Sol ainda costuma ver a garota passear pela praia ao mesmo tempo que abraçava seu corpo, sempre olhando ao redor, a procura de alguém, a procura dele, triste e em completo desalento. Se o Sol não fosse tão brilhante e quente até poderia oferecer algum conforto para ela.

Encarou o rapaz mais uma vez, vendo ele tirar a gravata e finalmente cair aos prantos chorando a morte do seu amor, o Sol pensou:

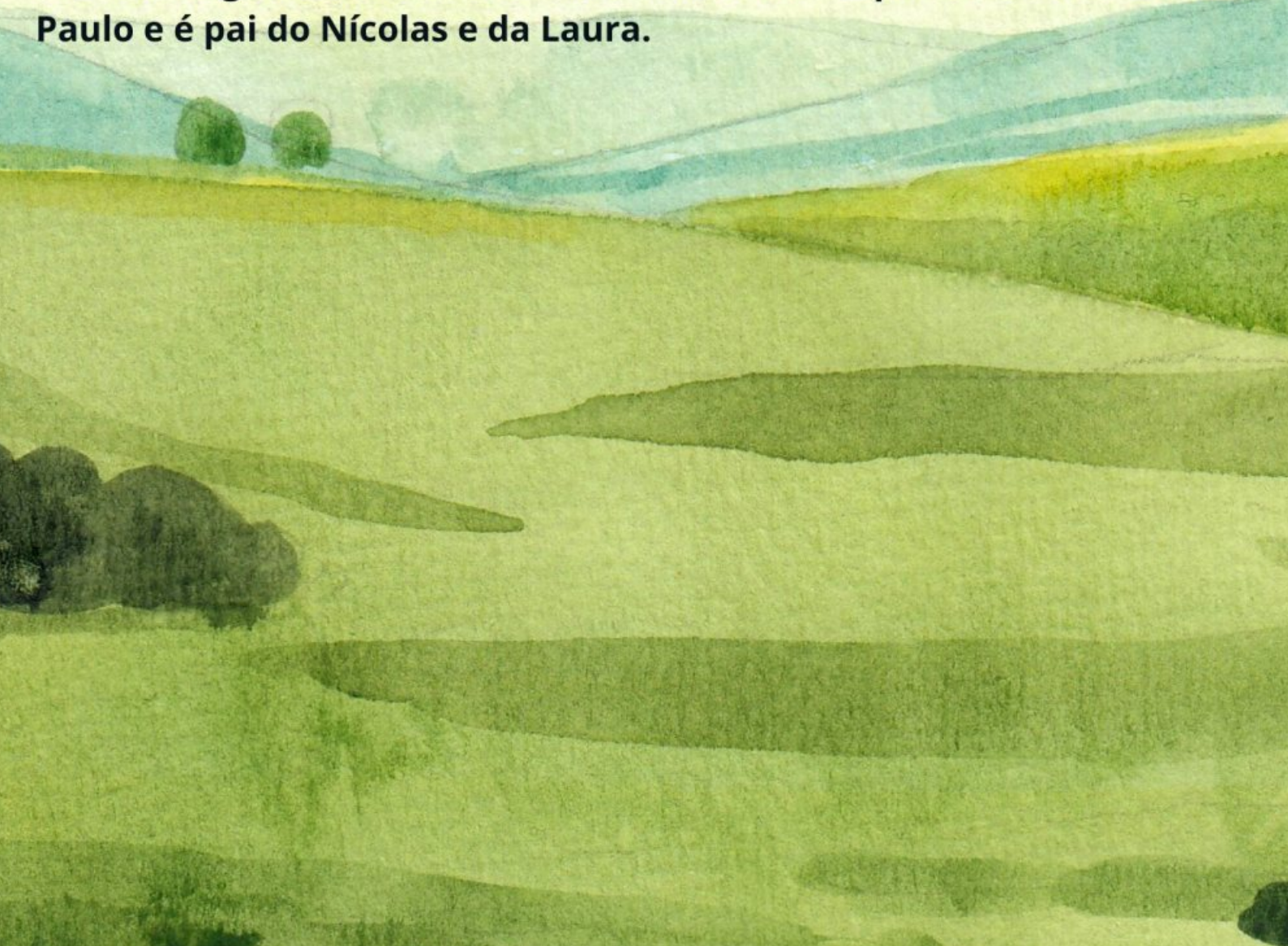
— *Se tivesse o tempo que ele teve para reconquistá-la, não desperdiçaria sequer um minuto.*

APRESENTAMOS O CONTO

30 anos depois...

Por Robert Lems

Robert Lems é apaixonado, sobretudo, pela vida. Amante das artes, nunca teve condições de trabalhar diretamente com elas; por questões financeiras, seguiu pelo caminho da Administração. Mas nunca esteve distante, tampouco. Fez aulas de piano e violão, compôs algumas músicas, mergulhou na culinária – e hoje vive disso, com a sua pequena indústria de alimentos. Sempre leu muito, o que o ajudou sobremaneira a desenvolver as suas palestras, seja na sua área de negócios, motivacionais ou de cunho espiritual. Mora em São Paulo e é pai do Nícolas e da Laura.



Acordar na sala do escritório, que fica atrás do Aeroporto de Congonhas, não é das experiências mais confortáveis... mas uma coisa é certa — não importa que horas você foi dormir, você sabe que horas irá acordar. Além da luz do dia, que entra pela janela da cozinha, os aviões são implacáveis — iniciam seus pousos às 6:00h com pontualidade britânica, diariamente... religiosamente! O que aconteceu com os atrasos de voo tão normais do meu tempo de consultoria?

Apesar da leve depressão de acordar assim e lembrar como era antes, em um quarto escuro e silencioso, com cama *"king size"*, algum sentimento bom vem ao observar a árvore alta do vizinho, que tem a copa na altura da minha janela e está sempre florida com seus botões alaranjados, quase dizendo que, apesar de tudo, Alguém lá em cima gosta de mim e usa as flores para me dar bom dia...

Banho tomado, a dieta do solteiro é prática, certeira, e confesso que, com um pouco de criatividade, dá para segui-la por um bom tempo, desde que a sua nutricionista não descubra o que você está fazendo. Banana pra começar, pão com queijo e suco de laranja — café da manhã gostosinho, prático, barato e que alimenta — bem-vindo ao mundo dos descasados; e antes que alguém pergunte, não, não tenho cafeteira. Você pode variar o tipo de banana, a variedade do pão, e usar um queijo diferente por semana; quando o orçamento permite, você troca o suco pelo de tangerina. Até comprei um utensílio para fazer o ovo no micro-ondas... deixa pra lá. O único inconveniente é quando o café-da-manhã também vira o jantar...

Com o tempo dividido entre a fábrica, os clientes, os fornecedores e os credores, a gente não vê o tempo passar. Santo remédio para a solidão! #sóquenão. A noite chega e você lembra que precisa comprar cuecas ou meias… e quem sabe não acontecer de encontrar alguém conhecido no shopping? Porque conhecer alguém novo é meio complicado — o nível de enferrujamento ainda é muito alto e ninguém quer passar vergonha (pagar mico, como diz a minha filha).

E se você pensa que isso é o pior que pode te acontecer, os dois dias que eram os mais esperados da semana, se transformam e ficam sombrios, com requintes de crueldade – pois independente do que acontece neles, na segunda-feira você tem que ter uma boa história pra contar. Os amigos estão sempre ávidos por saber das aventuras do mais novo solteiro da comunidade. Confesso que não tinha ideia de como a minha imaginação é fértil,

mas poder usar o tempo que se tem de sobra no final de semana para criar as histórias mais românticas, viris e inovadoras, no estilo Don Juan do século XXI, ajuda o tempo a passar e chega a ser divertido; mas não conte a ninguém... fica entre nós, está bem?

"— Como é que é, Peixoto?! Ela já está namorando? Tá ou não tá? Peixoto, sem rodeios, pode me falar, pô! Você sabe que isso está bem resolvido, você me conhece... mas tá ou não tá?!?"

Bom, só me faltava essa. Eu estava aqui, preocupado com a logística dessa nova vida, tentando focar — até porque ela disse que não ia namorar por muito tempo... e agora isso — fato novo no pedaço. Era só o que me faltava!

Pensando bem, eu precisava desse estímulo; já estava na hora de me mexer. Mas como é que eu faço? Após um ano de namoro e 29 de casado... preciso montar uma estratégia. De educação cristã e casado com uma advogada, a última coisa que passava pela minha mente era ter um caso extraconjugal. No máximo, uma brincadeira boba ou um "olhar 43" trocado com a colega bonitona do trabalho — era a grande vingança das noites de enxaqueca; e quando, de alguma forma era correspondido, sobrava vontade, faltava coragem e a razão sempre reinava... mas dormia feliz, com aquele sorriso de quem sabe que ainda pode mexer com as estruturas de alguém. Certo ou errado? Difícil de responder, porque antes que alguém diga que nada aconteceu, o prazer daquele flerte ou do beijo de despedida que resvalava na ponta da ponta dos lábios, era muito mais prazeroso do que o ato consumado. Ahhh... sem julgamentos.

Bom, vamos à estratégia, porque, queira eu ou não, é tempo de amar!

Primeiro passo: escolher o local. Sempre tive facilidade de conversar com pessoas em livrarias, mas elas (as livrarias) sumiram... terei que encontrar uma das poucas do exército da resistência, e que tenha um café.

Segundo passo: a roupa de "guerra". O que me deixa mais magro? Preto. Não pode ser muito sério, estou numa livraria, não na igreja. Polo. E a bota me empresta mais 2-3 cm... resolvido.

Terceiro passo: o perfume. Nada como ter um filho de 23 anos para te emprestar o que tem de melhor nesse universo dos aromas. "— Filho, aquele que você usou aquele dia, que você ia naquele lugar, com aquela menina... lembra?"

Quarto passo: a música que você vai cantar no carro, completando o combo no quesito motivação. Brega é uma delícia, mas parece que todas falam de ex... aí não dá! Dessa vez, vamos de Fábio Jr. com “Onde é que foi parar aquela menina...”

Após uma reunião de trabalho no interior, descubro uma livraria em Sorocaba; sim, tinha um café. Demorei bem mais que o normal olhando os livros, a ponto de incomodar o atendente, que me perguntou se eu procurava algo específico. “— Na verdade, sim, mas não dá para explicar” — disse a ele. Finalmente, uma linda mulher, sem aliança, aparentando ser um pouco mais nova do que eu, entrou na livraria. Olhou rapidamente os livros, pegou um e pediu um café no balcão...

Apesar de todo o preparo, eu só não sabia onde colocar as mãos e o que fazer com as pernas que resolveram dar uma bambeada... era mais fácil desistir e ir embora, não estava pronto. Prestes a sair, dei aquela última olhada... e aí aconteceu o inesperado: ela olhou pra mim rapidamente, baixou os olhos e passou a mão no cabelo. Um sinal?!? Mas o que poderia me acalmar e dar segurança, me fez tremer ainda mais. E agora?

“— Já ouvi falar muito desse autor, você já leu algum livro dele?” Perguntei com a cara de pau mais lavada da paróquia, morrendo de medo da possível reação.

“— Na verdade é uma autora.” Respondeu ela... não sabia onde me esconder, que mancada, hora de bater em retirada... mas aí a mágica aconteceu – ela começou a rir; acho que percebeu como eu estava nervoso e resolveu dar uma ajudinha. “— Não, nunca li, mas achei interessante, vou levar.”

Após dizer mais algumas palavras sem sentido, não sei de onde tirei coragem para pedir o telefone dela. Na verdade, pedi o Whatsapp... dá na mesma, mas soa mais suave. “— Será que eu posso te escrever pra saber se você gostou do livro?” Não dá para explicar, mas esse argumento ridículo deu certo.

Na sexta-feira as mensagens começaram por volta das 22:00h. Tentando arrumar assunto, ela não entendeu minhas piadas sem graça no início e quase parou de teclar; suei frio, mas consegui contornar a situação. Por volta da meia-noite, ela pediu para pararmos de teclar e fazer uma ligação de voz — que rompeu a madrugada – yesss! Resumindo essa história, no sábado à noite, lá estava eu, de volta a Sorocaba, em frente ao bar que combinamos. Após quase uma hora de atraso, a vi estacionando o carro e saindo com os

longos cabelos ao vento e o lindo sorriso (ela era dentista). Me beijou no rosto e entramos — ainda não sabia o que fazer com as mãos. Sentamos.

Começamos a conversar sobre odontologia e sobre a minha empresa, uma conversa sem fim, nada romântica, mas não conseguia mudar o rumo da conversa. Percebi que realmente estava enferrujado e o desânimo por não saber o que fazer naquela situação tomou conta de mim. Após jantar e ter uma longa conversa profissional, era hora de passar no banheiro e pegar a estrada de volta a São Paulo... e cá entre nós, a gente se sente ainda pior quando bate na trave, mas não consegue emplacar uma coisa legal. Ela era linda, inteligente, divertida — me senti péssimo por não saber como me aproximar daquela bela alma.

Pedi licença e fui ao banheiro — mas sabe — muitas vezes, as melhores ideias nascem nos lugares mais inóspitos; pensei em algo — não tinha nada a perder! Voltei à mesa decidido a contar a história do Antônio pra ela, um grande amigo meu... fictício, pelo menos esse da história, mas isso ela não precisava saber.

Contei a ela como o Antônio estava triste, após a recente separação. Se sentindo só e perdido, desanimado a ponto de me deixar preocupado. Então disse a ela que saí para jantar com o Antônio e, a certa altura, peguei bem firme nas mãos dele (enquanto pegava firme nas mãos dela também); depois, olhei bem fundo nos olhos dele (enquanto olhava bem fundo nos olhos dela também)... e, com voz enérgica, disse assim pra ele: “- Antônio... (silêncio)... (silêncio)... (mais um pouco de silêncio)...” Ela, com os olhos arregalados, ansiosa para saber o desfecho, me perguntou: “— Mas o que você disse? Me fala!”

Após um longo silêncio, sentindo o calor das suas mãos nas minhas, respondi: “— Do que estávamos falando mesmo?”

E não soltei mais a mão dela.

A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O nevoeiro e a rosa

Por Roberto Schima

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônymo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Colabora também com as revistas LiteraLivre e Obook. Escreveu: "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu", "Vozes e Ecos" etc. Participou de quase trezentas antologias até agora. Contato: rschima@bol.com.br

Ele caminhava apressado, carregando algo.

Era final de tarde em algum lugar no interior da França.

Havia o odor do Outono, do feno e de um passado que jamais voltaria.

Embora fosse inútil chorar sobre o leite derramado, a sua recordação podia repetir-se vezes sem conta numa autoflagelação.

Marcel comemorara seus vinte e três anos no último final de semana e, enquanto caminhava em direção a um bosque próximo, recriminava-se pela milionésima vez:

— Estúpido! Estúpido! Pus tudo a perder...

Em sua mente, desfilava a cena da festa e a cena que ele próprio fizera ao ver a namorada, Josephine, dançando com um amigo comum da faculdade. Fora um ataque de ciúme sem precedentes. Ele sabia que esse ex-amigo nutria uma paixonite por ela, porém, o que mais desencadeara a sua raiva fora o fato de perceber que ela gostara da atenção que ele lhe devotava. E a maneira como ele deslizava as mãos nas costas dela... A vista de Marcel ficara turva, o sangue subira-lhe e, quando dera por si, o mal fora feito. Arrebentara uma garrafa de champanhe na cabeça do cara e só não terminara de retalhar seu rosto com o restante da garrafa porque fora detido pelos outros convidados.

Josephine ficara em choque. Chamara-o de monstro e assassino. Acompanhara o outro ao pronto-socorro e, no final das contas, Marcel provavelmente se tornara o instrumento que os unira de vez, dando o maior tiro pela culatra que já fizera alguma vez em toda a vida. Fugira do local como um criminoso qualquer.

Perdera Josephine.

Perdera os amigos.

Perdera toda razão.

Agora, tudo o que esperava era ser preso e ver toda a sua vida escoar ralo abaixo.

A ironia era que, naquela noite, ele pretendia ter pedido Josephine em casamento. O assentimento dela teria sido o presente perfeito para uma noite perfeita.

— Estúpido!

Uma rajada de vento bateu em seu rosto.

Dir-se-ia que o Outono concordava.

***

O Sol desapareceu atrás do horizonte.

Um vento gelado soprou do oeste.

Mariposas puseram-se a voar.

O crepúsculo caía quando, enfim, Marcel atingiu a borda do bosque, embrenhando-se em seu interior. O rolo de corda pesava-lhe nas mãos. Desde criança, quando costumava fazer explorações pelos campos e vinhedos, sabia da existência do bosque e, principalmente, de uma pequena ponte pouco usada, a uns quinze metros acima de um riacho.

— Sim, aí está você.

A ponte.

Era um arco de ferro fundido e toras de madeira e pedras. Muito antigo pela aparência, seu piso gasto trazia escrito as linhas de sua história.

Uma neblina densa jazia embaixo, a qual, juntamente com as penumbra, não permitia ver a água, embora o ruído da correnteza através do leito de cascalho fosse audível. O vento agitava as copas das árvores, mas isso não parecia afetar a bruma.

Marcel caminhou até o meio da ponte. Desenrolou a corda e pôs-se a fazer um laço. Estava angustiado e decidido. Nada mais lhe restava no mundo. Daria cabo de sua vida naquele lugar.

Terminou de fazer o nó de forca. Estava prestes a amarrar a outra extremidade da corda na mureta de ferro fundido quando teve o pressentimento de não estar sozinho. Isso não era raro, especialmente na mata, mas a sensação foi mais forte do que estar sob o olhar de uma coruja ou esquilo. Virou-se e arregalou os olhos.

Diante dele, uma bela mulher.

O vestido branco era de um tecido tão fino que mais permitia observar seus contornos do que protegê-la do frio da noite que chegava. Sua pele possuía, igualmente, a tonalidade de marfim. Era mais pálida do que qualquer pessoa que Marcel tivesse visto na vida.

Marcel, até então agachado, levantou-se desajeitadamente. O calafrio tomou conta de seu corpo. Embora jovem, ele já ouvira falar sobre entidades como ela.

La dame blanche.

Ela estava rodeada pela névoa. Era como se flutuasse. Aproximou-se e fez a esperada pergunta:

Quer dançar comigo?

Não era propriamente uma voz, mas um pensamento tornado audível dentro da cabeça dele.

De olhar marejado, Marcel se recordou que em sua festa de aniversário corria o baile e seria ao término de sua dança com Josephine que iria pedi-la em casamento. Engoliu em seco e respondeu:

— Aceito a minha última dança.

As *Dames Blanches* eram espíritos femininos que, segundo os mais velhos de vez em quando contavam, ficavam de tocaia em passagens estreitas, encruzilhadas, grutas ou pontes pouco transitadas. Alguns diziam que elas, a exemplo das sereias, utilizavam seus atributos para seduzir os jovens e atacá-los, alimentando-se de sua carne e sangue. Outros davam-lhes uma natureza menos agressiva, desejando tão somente dançar e, caso fossem atendidas, permitiriam a passagem do indivíduo. Porém, caso esse fizesse uma desfeita, seria atirado sobre plantas espinhosas, dilacerado ou encontraria a morte em uma semana.

A criatura se apresentou, dando um dos muitos nomes pelos quais fora conhecida no decorrer dos séculos, um dos mais antigos:

La Dame d'Nord.

O nevoeiro os envolveu.

No céu, a noite avançou vestida de estrelas.

Não obstante a falta de música, dançaram sobre a ponte como se seguissem uma melodia imaginária. O toque dela era gelado. Seu corpo despertava um misto de temor e desejo. Enquanto o vestido e os cabelos esvoaçavam, a neblina parecia brotar dos poros da mulher.

Numa das voltas que Marcel deu, percebeu que a bruma sob a ponte desaparecera e, sob o luar, as águas corriam por entre as pedras, algumas delas esbranquiçadas, destacando-se das demais.

Por que a tristeza aflige o seu coração? — perguntou ela, desviando-lhe a atenção.

Continuando a dançar, Marcel contou a sua história.

Ela balançou a cabeça afirmativamente, compreendendo o porquê da corda.

A dança terminou.

La Dame d'Nord fitou o rapaz diretamente nos olhos.

Retorne daqui e procure aquela a quem ama. Peça-lhe perdão. E àquele a quem feriu também. Abra o seu coração para Josephine. Seja verdadeiro. Entregue-se. Ame!

— E se não der certo? E se ela escolheu o outro? E se eu for preso?

O resultado será pior do que o que estava prestes a escolher? — apontou para a corda. — *Leve rosas vermelhas para ela. A rosa simboliza o amor; o vermelho, seu sangue, sua vida, que você estará lhe ofertando. Tente!*

As mãos geladas da *dame blanche* acariciaram o rosto de Marcel.

Tenha a opção que eu nunca tive.

De esperança renovada, ainda que melancólica e cheia de incerteza, ele beijou o rosto de mármore.

O espírito em forma de mulher sorriu de felicidade.

Então, ele olhou o riacho sob a ponte novamente e percebeu que, aquilo que julgava serem pedras claras em meio ao cascalho eram ossos e crânios humanos. A intensidade de seu medo aumentou.

— O-o-o que é aquilo? — apontou.

Nem todos são gentis como você — ela respondeu — *Não há o que temer, Marcel*.

— Confesso que fui mais movido pelo medo do que pela gentileza.

Todos têm medo. Você é bom. Aprenda a controlar seu temperamento.

O rapaz deixou a corda, a ponte e a *dame blanche*. Lançou um olhar para trás e teve tempo de vê-la dissolver-se em névoa e deslizar para o riacho.

Perguntou-se durante todo o caminho se tudo não passara de alucinação. A lembrança da carícia gelada em seu rosto deu-lhe a resposta.

***

Noites depois, Marcel retornou para o bosque.

Não estava tão frio quanto da outra vez.

A folhagem das árvores estava quieta.

Sequer os insetos faziam barulho.

Só o som das águas dominava.

Diante da ponte, ele avistou a bruma esbranquiçada mais abaixo. Estremeceu ao lembrar o que havia dentro do riacho. E aquilo que fora o responsável pelas mortes.

Honestamente, relutou em voltar. Mais dono de si, o pensamento do que pretendera fazer e do que acontecera davam-lhe medo e faziam sua cabeça girar. Por outro lado, algo lhe

dizia que precisava fazê-lo a fim de dar um epílogo ao estranho elo que o unira àquele lugar.

A corda não estava mais lá.

Caminhou devagar até o meio da ponte.

A bruma se ergueu lentamente, tornando tudo irreal.

Marcel foi envolvido pelo nevoeiro. Era frio e úmido. Evitou olhar para o riacho e os despojos.

— *La Dame d'Nord* — chamou.

Ela não surgiu na forma de mulher como fizera anteriormente, porém, algo lhe dizia que estava próxima, muito próxima. Talvez até o estivesse observando na forma de neblina. Trêmulo, relatou que a namorada, a princípio hesitante, reatara com ele. Pediu-a em casamento.

— Ela aceitou — falou, tomado pela felicidade. — *Merci!*

Mexeu no bolso de sua camisa e, numa fissura da ponte, deixou uma rosa vermelha. Tornou a agradecer e foi embora.

Como da vez anterior, deu uma espiada sobre o ombro.

Em meio à névoa acima da ponte, iluminada pelo luar, enfim surgiu uma silhueta difusa: a mulher.

Além disso, outro detalhe chamou a atenção do rapaz:

A rosa não se encontrava mais em seu lugar.

Uma brisa suave soprou seus cabelos.

O Outono seguiu seu percurso.

Pensativo, disse baixinho:

— *Au revoir! Au revoir!*

E foi embora.

***

NOTA DO AUTOR:

O presente conto foi originalmente publicado na antologia "Le Legendé Dit", Dark Books, 2022, organizada por Gisele Wommer.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Importa e não importa

Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Este teu olhar, capturado da pradaria
por onde corrias
e da extensão de ti na revolta água...
imortalizado nesta imagem
— para mim (se assim posso dizer) —
apraz-me por te sentir livre...
sem saber se realmente eras.

Cena antiga... daquele momento
e lugar por onde com os teus,
passavas... correndo... (fugindo?)...
por alguém, gravada.
E agora, quando a vejo e admiro
evito pensar que já não estás
que já não és.

Este primor de altiva elegância
e beleza... e quiçá liberdade,
dos meus desejos, independente.
Paz vem-me por te vislumbrar...
Ligas-te a mim... mas foges...
E a ligação se rompe
por não te saber, mesmo inerte.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Ausência de respostas

Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

O que é o amor?
Não sei... Não sei...

Quando paro para pensar
ou parada estou sem me ocupar
com fatigantes atividades,
sobre metafísica e outras "icas"
fico a me ensimesmar...

O que é o amor?
Por espaço a interrogações existenciais,
no meu interior prover,
simplesmente nada reina...
Talvez só desconfortável desordem...
E o não saber... Nada aclarar...

Parcialmente justificam
a incoerência de pensamentos
e a ausência de respostas
que possam confortar.
Nada relevante, emerge...
Não esclarece nada...

Mente e "coração" juntos
da química à mercê...
como matéria e antimatéria
a se aniquilarem...
E não há conclusão...
Não sei... Não sei.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O beijo da Aurora

Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Levemente róseo... em indistintas
camadas... de levemente cinzento
mescladas... num horizonte que
mostrar-se começar... pelo mar
névoa e montanhas de fundo...
perfilados sem bruscas ou marcadas
linhas... só suavidade e leveza.

Como um ósculo... de inocência
e frescor... que sem licença, é dado...
gratuito.. e a tudo envolve...
e num abraço que amorna se estende...
e olhos, corações e estruturas
de desavisados corpos, desabam.

A aurora a antecipar o Sol...
num amanhecer de tal vislumbre
que as restantes sombras da noite
afugenta... e o peso do viver, atenua...
Num beijo não pedido... mas dado...
inesperadamente recebido...
sem pressa nem pressão, aceito.

A Natureza em seu ir...
num sempre equilibrar...
por ventura deslumbrando
o simples observador.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Quisera

Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Se permito à minha mente,
vagar... já me vejo a entrar
em (para muitos)
impensáveis parâmetros...
E a adentrar
oníricas amplitudes.

E único, tudo se torna.
Sonhar... almejar...
Suprimir esta realidade.
Materialismo não!
Suficiência somente.
E tranquilidade alcançar.

Consumismo,
desmedido como portam
os frívolos...
se possível, nenhum!
Nada incoerente...
E lucidez pudera alcançar!

Mais harmonia menos
futilidade, presenciar.
Entre todos. Nas famílias...
Mais amor e verdade.
Mais respeito e amizade.
Simplicidade a brotar.

A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Flores da memória

Por Victoria Roseira Neves

Victoria Neves é estudante de Cinema e completamente encantada por tudo o que se relaciona à escrita e suas possibilidades, se dedica a escrita de críticas de cinema, histórias e roteiros.

Contornar os finos lábios com o batom rosado cintilante de todos os dias já não era uma tarefa tão simples como já fora um dia. As mãos trêmulas de uma senhora de setenta e oito anos faziam com que o rosa pintasse um pouco mais do que somente os lábios. Para isso, um pacote de lenços demaquilantes enchiam um pouco a penteadeira quase vazia, a qual guardava somente uma escova de cabelos velha, o batom rosa, um porta-retratos e um vaso de flores, as quais eram plantadas todas as noites no quintal e trocadas por novas.

Delicada, como sempre, Dalila encostou o pontudo nariz em uma das pétalas e concluiu que de todas as flores que comportava em sua casa, aquelas estavam excepcionalmente cheirosas. Arrancou então três das pétalas que lhe pareciam mais bonitas e as colocou embaixo da blusa, no busto direito, dando continuidade a um costume que tinha desde muito jovem. Sentindo-se então, demasiadamente cheirosa, muito obrigada, e pronta para começar o dia.

Caminhava a passos pequenos e lentos até a cozinha quando um barulho vindo da mesma a fez arrepiar os poucos pelos que ainda tinha nos finos braços, os passos diminuíram ainda mais o ritmo. Como uma criança brincando de esconde-esconde, Dalila, grudada à parede que dividia a sala de estar da cozinha, coloca só os curiosos olhos azuis entre a porta e o cômodo de onde vinha o barulho para espiar o que poderia ser. Um sorriso logo nasce em seus lábios, antes comprimidos, quando vê quem era a culpada pela barulheira que a assustou. *Há quanto tempo não via Joana?* Pensou, observando a jovem de olhos tristes a sua frente terminar de desenformar um bolo, o qual ficara quase que a metade ainda na forma.

— Não fique triste, bem! Também não acerto na hora de desenformar — Com um largo e caloroso sorriso, Dalila diz ao entrar na cozinha — Isso não quer dizer que o gosto não está bom. A não ser que você tenha puxado para a sua tia aqui, aí não tem o que fazer filha, vai estar ruim mesmo!

Dalila riu, já apertando a jovem com toda a força dentro de um abraço saudoso. A mesa lotada do café da manhã foi esvaziando conforme a conversa crescia entre as duas. Dalila não deixou de “dar uma bronca” na afilhada por passar tanto tempo sem vê-la e a moça prometeu ir mais vezes, regando a tia de todos os mais lindos elogios e assegurando-lhe o quão bom era visitá-la. Dalila se preocupou com a sobrinha, que chorou sem parar

enquanto trocavam elogios, mas não tanto, pois afinal, a afilhada sempre fora demasiadamente chorona.

— Ah! Meu amoreco, que tristeza que é a segunda-feira quando tem uma visita como você logo de manhã em casa. Tenho que ir trabalhar. Mas não ouse ir embora, quando eu voltar vou fazer a torta de frango que tanto gosta e vamos ler juntas. Lembra quando eu lia para você? Você queria sempre aquele mesmo livro… qual o nome mesmo, Joana? Agora não me lembro…

— O Pequeno Príncipe? — Um pouco insegura da própria resposta, Joana demorou para responder.

— Não, não era esse o nome. Ou eu que estou ficando louca… De qualquer forma, vamos lê-lo quando eu chegar, eu pego lá na biblioteca da escola. — Dalila deu um beijo daqueles bem barulhentos na bochecha de Joana e saiu da casa, trancando duas vezes com a chave.

Era sempre fazia aquele mesmo caminho, faça chuva ou faça sol. Dalila costumava odiar a rua íngreme e estreita que tinha de passar para chegar no colégio, mas com o tempo, aprendera a gostar pois, de acordo com ela, o exercício que fazia subindo-a todos os dias era bom para as pernas. Além de que, assim que a ladeira terminava, já se podia ver a linda praça que ficava de frente para a escola. A vista da praça era como uma recompensa. Entretanto, naquele dia em específico, uma voz atrapalhou Dalila ao chegar no topo da subida.

— Com licença, a senhora deixou cair!

Dalila não se assustou com o fato de ter mais alguém ali, àquela hora da manhã, subindo a mesma rua que costumava ser tão vazia. Mas se espantou com o fato de que estavam falando com ela. *Deixou cair?* O que poderia ser que deixara cair, se tudo que levava estava em sua bolsa, muito bem fechada? Dalila olhou para trás, desconfiada e seus olhos se espantaram mais ainda quando viu o que o senhor à sua frente alegava que ela havia deixado cair. Era um senhor não muito alto, mas corpulento e de cabelos acinzentados, usava uma camisa branca com finas listras em azul claro e tinha nas mãos, uma flor. Uma pequena florzinha dessas que se dá em árvores e que o homem devia ter arrancado de uma das muitas plantas que complementavam tão bem aquela ruazinha estreita. Dalila não soube muito bem como reagir, houve de pensar por um tempo até mesmo para sorrir, processando o que acabara de acontecer. Pelo jeito, o senhor entendeu logo que havia a deixado sem jeito, colocando a pequena florzinha lilás na mão da senhora, ele disse em

uma voz firme e por entre um sorriso “Meu nome é João” e saiu andando em direção a praça. Dalila, ainda um pouco confusa gritou um “Dalila, muito obrigada!” para João, que já estava longe e ficou ali parada por alguns minutos, com o coração palpitando forte e um sorriso tímido nos lábios cor-de-rosa.

Dalila subiu as escadas do colégio ainda um pouco sem ar. Passando pela recepção, cumprimentou quem estava por lá e antes que pudesse continuar, chamaram-lhe a atenção.

— Dalila? — disse a mocinha, sentada por trás de um grande computador.

— Sim, querida?

— Bom dia, Dalila! A senhora não trabalha hoje, se esqueceu? Hoje é Dia da Família aqui na escola, a biblioteca não abre. — Por entre mascadas de chiclete e cliques com o mouse do computador, a jovem moça explicou em uma voz monótona.

— Bom dia novamente, mocinha. Por acaso, você é nova aqui? Qual o seu nome, querida?

— Sou Fernanda. — ela disse, levantando os olhos do computador e olhando Dalila pela primeira vez.

— Fernanda, eu trabalho aqui há mais de trinta anos, sempre me avisam com antecedência quando a biblioteca não abrirá e nós sempre fazemos atividades na biblioteca no dia da família. Creio que se enganou.

Dalila descia as mesmas escadas que subiu há tão pouco tempo, agora chateada. Tudo estava tão diferente. Lhe explicaram que a nova secretária, Fernanda, tinha esquecido de dar-lhe a notícia pessoalmente ou por uma ligação, pelo menos, já que Dalila era a única funcionária que não fazia o uso desse tormento chamado e-mail. E Fernanda, por sua vez, nem sequer se desculpou, além de ter passado toda a explicação, olhando-a como se fosse uma maluca. Dalila costumava gostar de todo mundo, mas Fernanda definitivamente não estava em sua lista de todo mundo.

Encontrando o conforto que precisava em um dos bancos, o único que o sol não estava iluminando tão diretamente com os raios quentes de uma manhã ensolarada, Dalila tentava ler as palavras impressas nas páginas já tão gastas de seu livro. Tentava, mas não conseguia se concentrar. Se já não bastasse o vexame que acabara de passar, risadas altas e conversas a desconcentravam. Ela queria poder sumir, estava envergonhada e irritada, fechou o livro com força e guardou-o na bolsa. Sem saber ao certo para onde ir, Dalila olha ao redor, procurando as vozes que atrapalharam sua leitura, assim que se vira para trás, a senhora dá de cara com ninguém menos do que o senhor bem vestido que lhe

dera a flor, João. Ele estava com alguns amigos, sentado na frente de uma banca de jornal e apesar de estar conversando e rindo, ele olhava para ela de vez em quando. Dalila vira-se, timidamente e decide voltar para casa. Assim que começa a andar, Dalila percebe alguém atrás dela e mesmo sem se virar, ela já sabia de quem se tratava.

— Deixei cair outra flor, por acaso? — Dalila pergunta, em meio uma risada tímida.

— Para a minha tristeza, não deixou. — João, que agora alcançara Dalila e caminhava do seu lado, falou. — Mas se me acompanhar, podemos ir até a árvore de onde a peguei, é a mais linda da rua.

— Achei que você tivesse a pegado do chão, logo após eu derrubar — Disse Dalla, em tom brincalhão, olhando para João que levou as mãos a cabeça, como se tivesse falado algo errado e deu um riso tímido.

Os dois então, passaram a tarde conversando e caminhando pela rua, observando as flores e árvores. João colheu uma de cada para Dalila, deixando-a com um verdadeiro buquê no final da tarde. Dalila, com seu cada vez maior buquê, contou tudo para o senhor sobre seus livros favoritos, receitas que tentava fazer e sempre davam errado e principalmente, passou horas falando de seu jardim, de suas roseiras. Ao começar escurecer, eles decidem voltar para a casa, mas antes que pudessem se despedir, João é convidado para conhecer um certo jardim o qual ouvira falar por toda a tarde e aceita sem demora.

— Julieta estará aí, minha filha, lhe falei dela! — Dalila tagarelava enquanto destrancava a porta. — Ela é uma moça tão bonita, tão educada, você vai amar conhecer… Ai, que saco, essa porta sempre faz isso. — Dalila disse entre suspiros, enquanto tentava desemperrar a porta.

— Com licença, se me permite… — João afasta Dalila delicadamente da frente da porta e com um só tranco, ele a abre e sorri, vitorioso.

A porta abre e revela Juliana no sofá, já de pijama, com os óculos que deixavam os seus olhos duas vezes maiores do que já eram.

— Não fique envergonhada, Juju, esse é João, meu amigo. — Dalila disse assim que entrou em casa, mesmo Juliana não parecendo muito envergonhada. — João, essa é a Juju, de quem lhe falei. Vou mostrar para ele o nosso lindo jardim, filha. Você oferece um copo d'água para ele, por favor? Preciso ir ao banheiro antes.

Juliana continuou no sofá, encarando o homem à sua frente, que agora caminhava em sua direção.

— Hoje de manhã eu era a Joana. — João ouviu a moça a sua frente dizer, a mesma com os olhos tristes e que não conseguiu desenformar o bolo naquela mesma manhã.
— E eu, não era ninguém, filhota. — Um abraço apertado une os dois. — Agora somos nós de novo. Você, a Juju e eu, o cara que leva sua mãe para passear e lhe dá flores. — João consegue tirar um riso fraco e baixo de Juliana, mas que já faz com que ele se sinta vencedor.
— É impressionante como depois de anos, ainda consegue fazê-la se apaixonar todos os dias por você, pai.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA

TENHA ACESSO AOS TÍTULOS DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI